

DOCUMENTÁRIO

MUNDUS NOVUS.

A Carta de Vespúcio que Revolucionou a Geografia (*).

Este ensaio a respeito de *Mundus Novus* circunscreve-se aos vinte e cinco anos que mediaram entre a primeira edição, em latim, da carta de Vespúcio e a francesa de 1528. A análise de tôdas as edições e as traduções dariam para encher um livro. Oferecemos este nosso trabalho de investigação, depois de ter consultado na Biblioteca Nacional, na *Mostra Vespuciana* de Florença, de 1954-1955, e no Museu Britânico de Londres, os raríssimos exemplares que ainda são acessíveis aos estudiosos do assunto. A *Mostra* tinha reunido edições pertencentes a grandes coleções da Itália e do estrangeiro (1). A Biblioteca expôs manuscritos inéditos. O *British Museum* possui oito das doze edições latinas de *Mundus Novus*, quatro das doze edições alemãs e exemplares do *Paesi Novamente Retrovati*, em italiano, latim, alemão e francês. Por muito que represente esta riqueza, não é senão uma parcela mínima das fontes que o Museu possui relativas aos descobrimentos ibéricos no Atlântico, Índico e Pacífico. Além disso, muitos trabalhos dos princípios do século XVI permitem apreciar a maneira pela qual as revelações de Vespúcio repercutiram nos cosmógrafos da época. Sem êsses tesouros de história e bibliografia não nos teria sido possível, sequer, conceber este ensaio.

A curiosidade universal manteve-se firme em tórno de Vespúcio em grande parte do século XVI, mas, depois das transcendentais novidades de Copérnico, Kepler e Galileu, a rotina da vida diária cobriu a viva surpresa despertada pelo descobrimento de um quarto continente. A rotação diária do nosso globo, do Ocidente para o Oriente, o seu movimento, em um ano, na esfera celeste, as fases da lua, as regras do deslocamento dos astros no

(*) . — Texto espanhol traduzido para o português (*Nota da Redação*).

(1) . — O *Catálogo* dessa magnífica exposição foi preparado pelo Dr. Sérgio J. Martini, da Biblioteca Nacional de Florença, membro da Comissão Organizadora presidida pelo Dr. Alberto Giraldi. Dividiu em seções, analisou e descreveu acertadamente, graças aos seus amplos conhecimentos, os testemunhos da vida e da atividade de Vespúcio, os seus relatos de viagem, manuscritos e impressos, os atlas, os planisférios e os globos, as edições de Ptolomeu, os testemunhos da crítica do século XVI a XX, relativa a Vespúcio, as obras astronômicas e cosmográficas, os instrumentos náuticos exibidos e a documentação etnográfica e econômica. Acrescentou, ainda, numerosas ilustrações de mapas, capas de edições raras e, reproduzidos em fac-símile, manuscritos de grande interesse.

espaço, as leis mecânicas da queda dos corpos, o movimento da terra e tantas outras revelações que se sucederam até o e *pur si muove* de Galileu fizeram com que a atenção dos cosmógrafos e astrônomos se dirigisse para outros rumos.

Em meados do século XVIII, por causa da descoberta de cartas inéditas de sua autoria, renasce o interesse por Vespúcio, mas perdeu-se de vista, então, o seu direito primitivo à gratidão da humanidade. Pelo contrário, os ataques feitos à sua primeira viagem e ao nome do continente, alteraram o justo conceito da sua ação. Isto ocorreu muitos anos depois da sua morte, quando o que tinha sido pensado e escrito por êle em *Mundus Novus* já tinha sido causa da sua glorificação. As notícias eram revolucionárias. Desvelavam-se pela primeira vez êstes segredos da natureza: as novas terras descobertas formam um continente independente; é lícito chamá-las de um mundo novo; os antípodas são habitáveis pelos brancos; os povos dessas terras são quase todos canibais, não têm deuses nem reis. Na primeira edição de Paris, com o gráfico de um triângulo retângulo, Vespúcio indica que a posição do povo que habita as novas terras até 50° Sul está em relação com o que vive em Lisboa como a hipotenusa, que partindo do zenite de Lisboa, em 40° Norte, une-se ao zenite de 50° Sul, formando os catetos um ângulo reto. Usa os termos *vertex capitis nostris* (Lisboa) e *vertex capitis illorum* (ou seja o cimo da nossa cabeça com o dos povos das novas terras austrais). Desde a segunda edição, feita por Sessa em Venezá, a expressão *vertex capitis* transformouse em zenite (2).

Estas quatro novidades fizeram com que Vespúcio se destacasse dos demais nautas e elevaram-no a uma notoriedade sem par, talvez um pouco exagerada. Não porque tivesse feito “mais” do que os outros, mas porque nenhum espanhol, português ou italiano inovou e concretizou em geografia, contra a tradição de Ptolomeu, como êle o fêz. Em Florença enviaram à sua casa o fogo comunal, dando-lhe o título de “amplificador do globo”; em 5 anos, de 1503 a 1508, e em nove cidades, fizeram-se doze edições latinas do *Mundus Novus* e, no mesmo espaço de tempo, em sete cidades alemãs, doze edições germânicas. Em Antuérpia foi feita uma edição em holandês e outros arranjos nessa língua e em inglês. Na

(2). — A edição de Sessa, de 1504, considerada a segunda no tempo, foi a primeira que mudou as expressões que apareciam ao redor do triângulo: *vertex capitis illorum* e *vertex capitis nostre* passaram, respectivamente, a ser *zenit nostre* e *zenit illorum*. As edições posteriores adotaram essas modificações. Sessa, depois de ter imprimido parte de uma tiragem, por parecer-lhe demasiado pequeno, substituiu o clichê do triângulo por outro maior, como se pode observar, comparando os dois exemplares do Museu Britânico. Não se trata de duas edições, como acreditaram alguns biógrafos, mas de duas tiragens. Veja-se em relação a êste assunto, na nota 6, HARRISSE e RUGE SABIN.

Lorena, em 1507, a sua última carta, a *Lettera*, traduzida para o latim com o título de *Quattuor Navegationis*, apareceu na *Cosmographia Introductio* do Ginásio Vosgiano. Incluído nessa obra, que conheceu sete edições em um ano, circulou também pela primeira vez um mapa do mundo, datado de 1507 e assinado por Waldseemüller, onde as novas terras são denominadas *América*. Vespúcio havia recebido na Espanha, como homenagem, a nacionalidade castelhana, mas isso não foi suficiente. Em 1508 criou-se em Castela, para sua eminência, o cargo de piloto-mor. Que serviços não teria êle prestado e quanto não se esperaria do seu saber para que o Rei o preferisse a Juan de la Cosa, aos Pinzon e a Juan Díaz de Solis? A miscelânea de viagens de ultramar, na Espanha e Portugal, editada pro Montalboddo com o título genérico de *Paesi Novamente Retrovati* incluiu a terceira viagem de Vespúcio relatada em *Mundus Novus* e alcançou em poucos anos 16 edições, italianas, latinas, alemãs e francesas. Finalmente, ainda que tenha sido muito esquecido por certos historiadores lusitanos, escudados em atitude negativa, destaca-se o gesto fidalgo de gratidão a que se refere Giulio Negri na sua *Istoria degli scrittori fiorentini*. Segundo as suas informações, o Rei D. Manuel havia mandado suspender na Catedral-Basilica de Lisboa “em perpétua memória de nosso Américo e como imortal troféu, a nave que havia avançado tão gloriosamente a conquista”. Se Santarém e Duarte Leite lessem isso, certamente não desejariam voltar a viver.

O que Vespúcio fêz foi dirigir a atenção dos nautas para a latitude de 50 graus, preparando assim a rota de Magalhães, que, em 1519, reconheceu expressamente a precedência do florentino no solo da Patagônia. Os que limitam a sua viagem até a latitude de 32° esquecem-se tanto dêste indiscutível testemunho quanto do dos mapas (3).

Os homens mostravam uma sêde insaciável de notícias em relação à descoberta de um quarto continente, por tantos séculos ignorado. As surpresas não terminavam nunca; jamais, na história do mundo, uma carta havia circulado com novidades tão assombrosas quanto *Mundus Novus*. O choque era explicável. Os antigos haviam criado um mito a respeito das terras que alguns imagina-

(3). — E' citado por Lopez de Gómara, Cap. 92. Magalhães, instado pela sua tripulação a deixar a *Tierra de Marzo*, replicou que pretendia permanecer ali até que o tempo e a luz favorecessem a continuação da viagem. Acrescentou que todos tinham alimentos e água, possibilidades de caça e pesca e que haveriam de aguentar-se, como o haviam herôicamente feito os espanhóis nas suas emprêsas anteriores. Insistindo os soldados e oficiais, respondeu-lhes que *até esta região havia chegado Américo Vespúcio* e que êle sentir-se-ia envergonhado de voltar sem ter ido mais além. Seguiria, pois, em frente, até a latitude de 65 graus, se fôsse necessário, até achar a passagem para o outro mar... (A *Tierra de Marzo* figura nos mapas na latitude de 45 ou 46 graus S). Confira-se *América la bien llamada*, R. L. Kraft, Buenos Aires, 1948.

vam existir na região antártica. Acreditavam que o homem branco não poderia habitá-las mesmo que conseguisse chegar até elas. As frotas do Infante D. Henrique ao ultrapassar o Cabo Bojador e Bartolomeu Dias ao contornar, em 1488, os 35° do Cabo Agulhas, venceram o preconceito que pesava sobre essas águas, mas até 1502, ano em que as caravelas de D. Manuel atingiram, apegadas ou não à costa, uma latitude austral de 50°, ninguém sabia que as terras descobertas pertenciam a um continente e ignorava-se que fôsse possível viver nas antípodas. Os inúmeros pilotos, capitães e marinheiros que seguiram nessa expedição portuguesa desapareceram sem deixar uma linha a respeito do assunto. Vespúcio foi o primeiro a assinalar essas verdades, o único que as comunicou aos outros. Logo esses outros foram todos. Por causa do caráter fundamental e da vasta escala cósmica dos problemas que *Mundus Novus* aborda, o seu autor foi tido pelos sábios como a maior autoridade do seu tempo. A literatura cosmográfica germânica do século XVI demonstra-o sobejamente. O mérito que se reconhecia a Vespúcio não era somente o de haver navegado e descoberto, porque esse é o compartilhava com os marinheiros de Castela e Portugal, de quem, como Colombo, havia aprendido a arte de navegar, mas o de ter trazido a respeito das estrêlas, climas, árvores e indígenas dêsse mundo novo noções até então insuspeitadas, contrárias a Ptolomeu. Facilitava uma visão ampliada da máquina do globo e abria o conhecimento de novas vias oceânicas e de novas terras. Novo, novo, tudo era novo, e a prática ratificou a verdade exata do quanto dissera. Nada havia inventado, aumentado ou reduzido. Ninguém pensaria em atribuir ao florentino a importância científica de um Toscanelli ou de um Copérnico, mas, tão pouco, seria possível deixar de reconhecer-lhe a posse da alta cultura italiana do seu tempo e de uma força intuitiva que lhe permitiu captar no invisível, verdades de máximo interesse para a humanidade. Por outro lado, não foi egoísta nem reservou as suas descobertas para incrustá-las como notícias-jóias em tratados próprios. Transmitiu-as em cartas familiares a compatriotas eminentes. Dêsse modo, muitos desfrutariam na sua pátria as boas novas. Se, durante séculos ficaram encerradas em arquivos as cartas de 18 de julho de 1500, de Cabo Verde de 1501, de Lisboa 1502 e a Fragmentária de 1503 (?), *Mundus Novus* conseguiu chegar, em Paris, às mãos de Lorenzo Pier Francesco de Médicis, que, aí, representou, diante de Carlos VIII e Luís XII, Milão e, logo mais, Florença (4). Foi, sem dúvida, êste potentado

(4). — Desjardins, *Négociations diplomatiques de la France avec la Toscane du XV^e siècle*. Paris, 1859. Ross: *Livre of the early Medicis as told by their correspondence*. London, 1910. Pieraccini G.: *Le stirpe de Medici di Caffagiolo*. Firenze, 1947. Confira-se, também, Varnhagen: *Schöner et Apian*. Viena, 1872.

que resolveu publicá-la. Frei Giovanni Giocondo de Verona, traduziu-a para o latim, sem alterar o seu caráter epistolar, e Baligault e Lambert editaram-na. O opúsculo apareceu em 1503, em formato pequeno, com a indicação no final de que *iocundus* foi o tradutor. Gualtério Lud, na sua *Speculi Orbis Succintis* publicada em Estrasburgo, em 1507, identifica o *interpres*. Lemos a frase seguinte: “Circula pelas livrarias uma composição em versos do nosso vosgiano Ringmann sobre o mesmo tema” (era o poema de Ringmann agregado a *De Ora Antarctica*) “*in libello Vespucci per iocundum Veronensem qui apud Venetos architecti munere fungitur ex-italico in latinum sermonem verso impressum*”, “impresso no opúsculo de Vespúcio, traduzido do italiano para a língua latina pelo veronês Giocondo, que exerce em Veneza as funções de arquiteto” (5). A afirmação de que Giocondo era arquiteto em Veneza é correta, pois nesse ano de 1507, estava de volta a essa cidade e nela exercia o seu ofício. Ainda existem outras coisas para se dizer a respeito deste artista de grande fama.

Frei Giovanni Giocondo nasceu em Verona por volta de 1433. Sempre foi chamado Giocondo ou Iocundus. Quando sobressaiu como arquiteto de primeira gema teve os seus serviços solicitados por Papas, Reis e Nobres. O Senado de Veneza para evitar que as lagoas da cidade secassem... , o Imperador Maximiliano para realizar obras importantes em Verona. Carlos VIII, provavelmente, conheceu-o na Itália em 1494 e levou-o, com outros artistas, para a França. Trabalhou em Amboise e em Blois e reformou em Paris a grandiosa Igreja do Convento de Saint Jacques. Em 15 de outubro de 1494 caiu a ponte de madeira de *Notre Dame* e foi Giovanni Giocondo que dirigiu a obra de reparação, construindo em ambos os lados da ponte pequenas lojas, como na Ponte Vecchio, de Florença.

Ficou em Paris até princípios de 1507 e logo depois voltou a Veneza. O Doge encomendou-lhe os trabalhos do canal e o esplêndido depósito público, conhecido como *Fondaco dei Tedeschi*, decorado por Ticiano e Giorgione. Também era célebre como latinista: publicou em Veneza onze cartas de Plínio, que teve a sorte de descobrir em uma biblioteca de Paris. Foi mestre de grego e de latim do reputado poeta Scaligero e são conhecidas as suas edições dos *Comentários de César* e das obras de Julius Obsequens

(5). — Reproduzimos em uma ilustração a frase em que Lud afirma que Giocondo, tradutor da edição latina, era o conhecido arquiteto veronês. Este testemunho objetivo e desinteressado destrói para os críticos e bibliógrafos de boa fé, a absurda versão dos tradutores da edição alemã de *Mundus Novus* e a de Redouer, autor da tradução francesa do Paesi, que emprestava ao nome Giocondo o significado de *alegre!!* Tomamos essa ilustração do exemplar do Museu Britânico, o único existente. Foi impresso por J. Grüniger em 1507, em Estrasburgo.

e Aurelius Victor. Chamado a Roma por Júlio II para continuar as obras de Bramante na Basílica Vaticana, morreu ali em 1515. Na realidade, Vespúcio teve sorte de que a sua carta ao Médicis tivesse sido traduzida para o latim por um humanista tão eminente.

A língua latina contribuiu para que o trabalho de Vespúcio tivesse imediata difusão no mundo culto da época. Outra circunstância não menos favorável foi a aparição simultânea de duas versões alemãs, uma em Basileia e outra em Estrasburgo. Elas deram lugar a uma vasta literatura científica. Em tôdas elas, frontespícios, títulos ou textos lembram a parte que coube ao soberano, a mandado de quem foi realizada a expedição austral. Deve-se destacar o fato de que o interesse provocado pela descrição da importante viagem de Vespúcio fez com que essa façanha sobressaísse dentre as suas contemporâneas e estendeu o prestígio da potência a que serviu. Por sua vez, o amplo movimento editorial, associado necessariamente à glória de D. Manuel, desequilibrou para sempre a realidade, atraindo a atenção do mundo para a novidade que tanto o agitou. Mais tarde acalmou-se a visão do que havia feito Portugal e ocupou Vespúcio o seu merecido lugar dentro da obra gigantesca da Espanha.

I — EDIÇÕES LATINAS COMPARADAS.

Parece resolvido o problema da primeira impressão de *Mundus Novus*. Tudo concorre para que assim seja. Exceção feita de Vignaud, os mais célebres bibliógrafos acharam múltiplas razões para formular essa conclusão. Humboldt, d'Avezac, Brunet, Camus, Claudin, Church, Fumagalli, Haebler, Harrisse, W. J. Meyer, Panzer, Proctor, Ruge, Sabin, Varnhagen, Trubenbac e Webber concordam que a edição de Paris de Felix (Baligault) e Lambert, de 1503 é, de fato, a primeira (6). Varnhagen lembrou que o desti-

(6). — Os historiadores e bibliógrafos abaixo enumerados partilham da opinião de que a edição Lambert, de Paris, foi a primeira. Panzer: *Annalen typographici*, 14 vols., Nuremberg, 1793. Camus: *Mémoires sur de Bry e Collection des grands e des petits voyages*, Paris, 1802. Panzer: *Zusatze zu der annalen*, Leipzig, 1802. Humboldt: *Examen critique de l'histoire de la géographie de l'ancien continent*, Paris, 1836. Brunet: *Manuel du libraire*, Paris, 1863. D'Avezac: *Martin Hylacomylus Waitzemuller*, Paris, 1867. Varnhagen: *Schöner et Apian*, Viena, 1872. Harrisse: *Bibliotheca Americana Vetustissima*, New York, 1866 e *Additions*, Paris, 1872. Sabin: *Americana Bibliotheca* (28 vols.), New York, 1885. Proctor: *Catalogue of British Museum XV century books* (4 vols.), London, 1895. Claudin: *Histoire de l'imprimerie en France au XVe e XVIe siècle* (4 vols.), Paris, 1910-1914. Church: *Catalogue of books*, 1907. Haebler: *Typen-repertorium*. Ruge: *Aelteres kartographisches material in deutscher bibliotheken*, Göttingen, 1916. W. Meyer: *Die französischen Drucker und verlegerzeschen*, 1926. Peschel, Trubenbach e Webber também concordam em que a edição de Paris é a primeira. Fumagalli (*Bibliographia del Vespuccio e del Toscanelli*, 1898) e Vignaud (*Americ Vespuce*, Paris, 1916) atribuem a primeira a Flo-

natário da carta de Vespúcio era, em 1503, Embaixador de Florença em Paris. Para ali teria de ir a carta (7). E porque, a Lorenzo, o documento pareceu de grande interêsse, passou-o a Giovanni Giocondo, na época, em Paris, que o traduziu para a língua culta. A identificação precisa do tradutor, simplesmente chamado *iocundus* foi conseguida, desde 1507, por Lud. E tudo o que disse foi confirmado pela história da época (8).

I Edição Latina. Paris, 1503 (in 4to., 11 páginas). O fato de Baligault ter publicado a carta em 1503, ou antes, é demonstrado pela sua morte, ocorrida nesse ano, e pelo fato de que o seu nome, *Felix*, desapareceu, depois, do frontespício, conservado por Lambert (9). Na primeira edição alemã, publicada em Basileia, em 1505, o editor, Michael Furter, adverte que a sua tradução foi baseada na edição latina “recebida de Paris”. Mas, cometeu êle o êrro de dar ao nome *iocundus* o significado simplista de *den hupsch Tollmetsch* — *joyeux*, em francês. Nos nossos dias, um autor italiano, apesar de conhecer a biografia do Veronês, preferiu, não obstante, dar ao seu nome o mesmo significado de *alegre!* A existência de um tradutor conhecido perturbava a sua tese. Adotar a interpretação desculpável de um ignorante foi astúcia da parte de Magnaghi (10). A frase esclarecedora de Lud faz coincidir a presença de Lorenzo Pier Francesco em Paris com a edição de Baligault e Lambert na mesma cidade e com a presença, ali, do tradutor, radicado em Paris entre 1499 e 1507.

As características individuais desta edição *princeps*, em comparação com as demais, são as seguintes (11). A denominação *Mundus Novus* não figura nem no frontespício nem tão pouco no título

rença, sem, contudo, poderem indicar o editor. Mas, a julgar pela descrição que apresentam, tratar-se-ia da edição de Sessa, feita em Veneza, isto é, da segunda edição, identificada, segundo Sabin, por Wilfred Voynitch em 1921 em virtude de ter descoberto a indicação da tipografia exata do Vespúcio de Sessa em uma obra de 1501 intitulada *Albubather*... A razão para conceder a primazia à edição de Félix (Baligault) e Lambert é, entre outras igualmente convincentes, a de que o braço da capa não foi usado pelo referido Baligault a não ser entre 1492 e 1503, quando morreu. Confira-se Sabin, *op. cit.* e Meyer, *op. cit.* Não foi feita, em Florença, nenhuma edição de *Mundus Novus*, apesar de ter sido essa cidade, em 1505, o berço da primeira edição da *Lettera*.

- (7). — *Schöner et Apian*, Viena, 1872.
- (8). — Giacomo Granco: *Di Fra Giovanni da Verona e delle sue opere*, Verona, 1663. Tipaldo: *Elogio di Fra Giovanni Giocondo*, Venecia, 1840. Orti Manara: *Dei Lavori Architettonici di Fra Giocondo in Verona*, Verona, 1853. Giorgi Vasari: *La vite degli artisti*, Firenze, 1913. Veja-se também em G. Lud: *Speculi Orbis Succinctis*, 1507, a frase citada.
- (9). — Ph. Renouard: *Imprimeurs parisiens*. Paris, 1898. L. Silvestre: *Marques typographiques*, Paris, 1883. Graesse: *Trésor des livres rares et précieux*, Dresde, 1867.
- (10). — Magnaghi, A.: *Amerigo Vespucci*, 2 vols., 1924.
- (11). — A respeito destes detalhes, confira-se HARRISSE, RUGE e SABIN, *op. cit.*

da terceira página. O nome Vespúcio está grafado *Albericus Vespucius* e a carta é dirigida a *Laurentio petri francisci de Medicis*. As outras edições escreveram *Vesputius* e, como veremos, omitiram o nome *francisci*. Descobrimos um engano não assinalado pelos bibliógrafos. A primeira edição indica (página 8, linha 13) *gradu quingentesimo* (500°) em vez de *gradu quinquagesimo* (50°), como estava escrito 6 linhas mais acima. Esse engano aparece em tôdas as edições latinas e em muitas traduções, exceção feita da alemã de Basileia e da holandesa. Coloca o triângulo no texto, no próprio lugar em que é comentado, enquanto que a maioria das outras edições incluem-no no final. E' a única edição em que aparece escrito nos lados do referido triângulo as expressões *vertex capitis nostris* e *vertex capitis illorum*; as demais registram: *zenit nostrum* e *zenit illorum*. Esta edição de Paris, de Baligault e Lambert, não registra no final da carta a expressão *Laus Deo*. Os dois gráficos de estrêlas, tal como se vêem nela, nas outras edições são, às vêzes, alterados ou omitidos.

II *Edição Latina de Mundus Novus*. Joannes Baptista Sessa, Veneza, 1504. E' o primeiro editor que tira partido da frase de Vespúcio: *Mundum Novum appellare licit*. Coloca resolutamente o sensacional título no início da carta. Deve-se a êle a iniciativa que os demais editôres impressores e tradutores conservaram na maioria das suas reproduções. Sessa apresenta-o na capa exterior, em duas linhas e em caracteres góticos grandes. Na segunda página entre os nomes do destinatário, omite o *Francisi*, que figurava na primeira edição, e Vespúcio é escrito *Vespucius*. O formato é in 4to. e ocupa 7 páginas porque foi composto com um tipo gótico italiano, menor do que o tipo francês usado na primeira edição. As principais variantes são: *per occidentem*, em vez de *ad occidentem* (pág. 2, linha 29), *sine cognitione marine carte . . . omnes naucleri tocuis orbis*, em vez de *sine marine charta . . . omnes simul orbis naucleri* (pág. 3, linhas 21-23), *in latus et in costas*, em vez de *inlatus lateri costas* (pág. 6, linha 31) e *veniam posco*, em vez de *veniam non posco* (pág. 7, linha 12). O triângulo é muito pequeno; na transversal pode-se ler *ipotenussa*, em vez de *hipotenusas*, como aparece na primeira edição. Além disso, *zenit nostrum* e *zenit illorum*, o que é uma correção oportuna. Esta segunda edição teve duas tiragens, porque, na primeira, o triângulo apareceu pequeno. Na segunda, as suas dimensões são quase o dôbro das primeiras. Em ambas, pode-se ler no final *Laus Deo* que, como já dissemos, não constava da primeira edição.

III *Edição Latina de Mundus Novus*. Joannes Otmar, Augsburgo, 1504. Esse opúsculo, em 4to., tem oito páginas. E' igual ao

anterior, com uma única exceção: *Vespucius* está grafado *Vesputius*. Houve também uma segunda tiragem desta edição, que leva o nome de Otmar. Foi publicada em Viena em 1504 e é a primeira com data impressa. As demais diferenças são insignificantes.

IV Edição Latina de *Mundus Novus*. Euchario Silber, Roma, 1504. Este opúsculo, in 4to., tem 8 páginas e foi baseado na segunda edição, mas apresenta muitas variantes, como se o editor tivesse conhecido outro original e querido aproveitá-lo também. Influenciou muito as edições latinas posteriores, de Nuremberg, Estrasburgo, Rostock, Colônia, Antuérpia e Paris. É a primeira edição que não concede ao título *Mundus Novus* uma página separada. Coloca-o no alto da primeira página do texto. As alterações principais são as seguintes: escreve *Vesputius*, em vez de *Vespucius* e omite o nome *Francisci, vocare... earum* (pág. 1, linha 9), em vez de *vocauere... eorum; versus austrum viginti mensibus* (1-25), em vez de *ad occidentem; versutias* (2-37), em vez de *versuras; sine cognitione marine carte* (3-2), em vez de *sine marine charta; calebam quam omnes naucleri totius orbis* (3-3), em vez de *calebam quam omnes simul orbis naucleri; ipsam lineam equinoctialem* (3-13), em vez de *ipsam equinoctialem; antarticum cum illo* (3-15), em vez de *antarticum illo, in génis sive maxillis solum* (3-38-39), em vez de *ingenis solum; crudelitatem* (4-6), em vez de *credulitatem; laneos* (4-11), em vez de *bancos, contaminabant* (5-2), em vez de *conaminabant atque prostituebant; Non sunt piscatores* (5-10), em vez de *Non sunt venatores; saluti forent* (5-37), em vez de *saluti forent, et certi si paradisus terrestris in aliqua sit terra parte non longe ab illis regionibus distare existimo; non est cum* (6-6), em vez de *non est figura; us cum; vertici nostro dependent* (7-12), em vez de *vertici nostro; posco* (7-31), em vez de *non posco; intelliges* (7-40), em vez de *intelliget; ex italica* (8-1), em vez de *ex-italiaca*; na página 8, linhas 8 e 9, repete *gradu quingentesimo* da primeira edição, em vez de *quingentesimo*; na mesma página lê-se ao redor do triângulo, em vez de *vertex capitis nostri* e *vertex capitis illorum; zenit nostri* e *zenit illorum*; e, assim mesmo, no final, aparece *Laus Deo*, que não estava na primeira edição.

V Edição Latina de *Mundus Novus*, Nuremberg, 1505. Apesar de os bibliógrafos terem tentado, não foi possível, até agora, identificar o impressor. Trata-se de um in 4to., que reitera o texto da quarta edição de Roma. Apresenta as oito páginas, os onze parágrafos e os seus menores detalhes e alterações. Entretanto, afasta-se dela ao colocar o triângulo depois do oitavo parágrafo. Era o seu lugar original. Silber havia-o transportado para o final, como se se tratasse de uma ilustração decorativa.

Nesta edição, em que ainda não está identificado o impressor, merece ser destacado o árduo trabalho dos eruditos para fixar, em cada caso, o editor e a data destes opúsculos do século XVI. Pouco a pouco, por causa de coincidências nas descobertas e concordâncias ratificadas, foram sendo preenchidas as lacunas. Por exemplo, a edição de 1504 foi identificada da seguinte maneira: segundo Sabin, o Dr. José Martini, em 1912, observou a semelhança existente entre os tipos usados nela e os da carta de Colombo, impressa pelo mesmo Silber em 1493. Proctor repetiu a comparação e identificou os tipos 7, 11 e 4 do referido Silber, assim como as maiúsculas. O Dr. Haebler, outra autoridade no assunto, ratificou essas conclusões, que, desde então, têm sido aceitas (12).

VI Edição Latina de *Mundus Novus (De Ora Antarctica)*. Estrasburgo, 1505, in 4to., 11 páginas. Esta edição, que é uma reprodução da de Roma, é devida a Hupfuff, e tem importância por causa de certos testemunhos que, até agora, não despertaram a atenção de ninguém. Não que grandes eruditos como HARRISSE, Gesell, Sabin, Ruge e Proctor não a tivessem descrito; apenas não prestaram atenção ao conteúdo histórico de três acréscimos (13).

Devemos ao Museu Britânico a feliz oportunidade de voltar a considerá-lo um esquecimento e de oferecer conclusões que o leitor poderá apreciar. O título *Mundus Novus* foi substituído pelo *De Ora Antarctica per regem Portugallie pridem inventa*. Dir-se-ia que a importância que os primeiros editores emprestaram às novas terras aplica-se, agora, ao *Rei descobridor*. Vespúcio disse claramente, na sua carta, que a navegação foi feita a mando e às expensas do Rei de Portugal. Não deu às suas notícias a forma de um ensaio. Tiveram repercussão porque eram importantes e expandiram-se rapidamente porque eram autênticas. Não pensou em publicá-las desse modo, mas sim em reuni-las em diários como os que D. Manuel lhe seqüestrou e não mais devolveu. A edição de Baligault e Lambert abre-se com o nome do florentino e com a sua saudação a Lorenzo Pier Francesco de Médicis. Não tem nenhum título especial, se bem que seja quase certo que foi a frase da primeira página do texto — *quasque novum mundum appellare licet* — que serviu de fundamento para o título com que Joannes Baptista Sessa encabeçou a segunda edição, publicada em Veneza em 1504: *Mundus Novus*. Foi uma idéia feliz, que deu à carta o seu legítimo caráter de tratado revolucionário.

Esta 6a. edição, elaborada em Estrasburgo por Ringmann e Hupfuff, segue, ao pé da letra, a 4a. edição de Roma e, portanto,

(12). — Confira-se Proctor e Haebler, *op. cit.*

(13). — Confira-se HARRISSE, Gesell: *Typenkunde*. Proctor, Ruge e Sabin, *op. cit.*

afasta-se com as mesmas variantes, da 1a. de Paris. Além disso, introduz cinco suplementos, o que a diferencia do modelo seguido, e de tôdas as outras edições anteriores. São os seguintes: 1. a mudança do título, 2. o acréscimo de ilustrações na capa, 3. uma epístola de Ringmann na página dois, 4. um poema desse mesmo autor na página três e, 5. uma certidão, a moda de colofão, aposta no final da carta, por um notário apostólico de Roma, Padre Jorge Miguel, de Viberg. Êste declara que esteve presente a um consistório público realizado no Vaticano, consistório em que o Embaixador de Portugal, Diogo Pacheco, informou ao Santo Padre, Júlio II, a respeito das descobertas de terras longínquas realizadas pelo seu senhor, D. Manuel. Estando nas referidas terras "o povo que habita ao sul, quase debaixo do polo antártico", ou seja, o que Vespúcio descreve no mesmo opúsculo, êsse certificado garante a participação de Vespúcio nessa viagem e certifica os descobrimentos que a carta menciona. A atitude de Diogo Pacheco, associada pela protocolo notorial às revelações do florentino, corrobora oficialmente a veracidade do documento. Portugal faz referências à 3a. viagem, feita às suas expensas, e tem conhecimento das terras austrais. Voltaremos ao assunto no capítulo III.

VII Edição Latina de *Mundus Novus. Epistola Albericij. De novo mundo*. "In folio", 8 páginas, Rostock, 1505. O editor, Hermann Barkhussen, utilizou a edição de Roma, mas deu-lhe um título diverso, em duas linhas: em cima *Epistola Albericij e*, em baixo, de *Novo Mundo*. Uma gravação em madeira representava dois indígenas em pé, a saber: uma mulher nua e, ao seu lado, um homem com arco e flexas na mão. Escreve *Geseghice* (pp. 2½25-26), em vez de *Beseghice* e 41° de latitude, em vez de 14°. Anota *unquam videremus* (2-37-38), em vez de *nunquam vidermus*; *pruni* (3-45), em vez de *pruni*; *sine maxillas* (4-2), em vez de *sive maxillis*; *quid autem fiet* (p. 6, última linha), em vez de *quid fiet e contineantur in ea* (7-4), em vez de *contineantur in eo*. Além disso, omite, no final, a expressão *Laus Deo*. Uma outra particularidade dessa edição é um mapa do hemisfério oriental, gravado em madeira, e acompanhado do seguinte comentário: "*Habet nonnichil latentis energie precedens Albericij Epistola quocirca candide LECTOR HEC SUBSEQUENS TABULA A PTHOLOMEO quidem mente paululum aliena Cum EXPERIENTIA AUTEM RECENTIORUM Cosmographorum et narraçione superius premissas facile quadrans: haud sine causa huic operi est subiecta in que non modo Europam et Asiam verum etiam Africam ipsarum secundum eius continentem quousque se in gradibus et longitudinalibus et latitudinalibus protendat haud difficulter absque tamen diversarum Insularum annotaçione propter tabule exiguitatem conspiciere lâ*

cet: vt non solum legere sed et coram quibus videre possit miranda et a mundi principio vsque modo omnibus philosophis in comperta dei opifitio". Traduzindo: "A epístola de Alberico que precede, contém valor latente pelo qual, bom leitor, a carta (geográfica?) posta por Ptolomeu com um critério, algo estranho na verdade, coincide, entretanto, facilmente com a experiência dos mais recentes cosmógrafos e com a narração feita mais acima. Não é sem razão que ela foi colocada depois desta obra em que se pode, sem dificuldade, ver, não apenas a Europa e a Ásia, mas também a África, até onde se estende nos graus de longitude e latitude junto a êsse continente, ainda que sem a anotação das suas diversas ilhas, por causa da exigüidade da tábua (carta geográfica?) de modo que qualquer pessoa possa, não apenas ler, mas também ver as coisas admiráveis descobertas por todos os filósofos na obra de Deus, desde a criação do mundo até agora".

VIII Edição Latina de *Mundus Novus*. Colônia, 1505. Êste in 4to., de 8 páginas, segue, sem maiores diferenças, a quarta edição de Roma. Entretanto, apresenta uma característica própria. Incorpora na página 8 uma gravação em madeira representando Santa Ana, a Virgem e o Menino, gravação essa que, mais tarde, serviu para identificar a edição como tendo sido impressa por Johannes Landen, porque êsse impressor reproduziu essa mesma gravação na conhecida carta de D. Manuel ao Papa — *Gesta proxima per Portugalenses in India* — publicada, por êle, em 1507.

IX Edição Latina de *Mundus Novus*. Antuérpia, 1505, in 4to., 8 páginas. Trata-se de uma reprodução, de autoria de Willem Vorstermann, da oitava edição, com o seguinte acréscimo no título: *De natura et moribus et ceteris id generis gentis qui in novo mundo invento . . .* Traduzindo, "Obra relativa à natureza, aos costumes e outras coisas da espécie de gente no Novo Mundo descoberto às expensas do sereníssimo Rei de Portugal nestes anos passados". Apresenta na 8a. página uma águia bicéfala — a divisa de Vorstermann — e acrescenta o escudo de Antuérpia. Estas 22 palavras que êle acrescentou ao título, pareceram, aos outros editôres, oferecer uma explicação satisfatória do conteúdo da carta, relativo aos indígenas, de modo que elas foram reproduzidas nas três edições posteriores de Paris. Os erros são leves e pouco numerosos.

X Edição Latina de *Mundus Novus*. Paris, 1506. Pequeno 8vo., 16 páginas. A capa ostenta o braço e o nome de Gilles de Gourmont. Na 2a. página, em continuação ao título, aparecem as 22 réferidas palavras da edição de Vorstermann, aliás, a edição em que esta se inspirou. Contém alguns erros como, por exemplo: *Vi-*

di in eo tres canopos, em vez de *Vidi in celo...*, no título aparece *opera limpensis*, em vez de *opera et impensis* e *ultra sine a me qui noctialem*, em vez de *ultra lineam equinoctialem*, bem escrito na edição de Antuérpia. Nesta edição não figuram as duas ilustrações com estrêlas nem o triângulo, omissões que, anos depois, Redoner, o tradutor francês do *Paesi*, repetiu.

XI Edição Latina de *Mundus Novus*. Paris, 1506. Pequeno 8vo., 16 páginas. A capa ostenta o braço e o nome de Denis Roce. Na segunda página, depois de *Mundus Novus*, aparecem as 22 palavras da edição de Antuérpia. Conserva os erros cometidos por Gilles de Gourmont e comete outros por sua conta: *cognitio audientibus* (página 2), em vez de *cognitio et audientibus*; *quam in nosram Europam* (página 2), em vez de *quam nostram Europam* e *Ora itaque... des vite* (página 15), em vez de *Ora itaque dies vite*. Não aparecem nem as estrêlas nem o triângulo.

XII Edição Latina de *Mundus Novus*. Paris, 1506. Pequeno 8vo., 16 páginas. Os impressores e livreiros Ulrich Gering e Berthold Rembold trabalharam juntos em Paris, de 1494 a 1510. Essa sua edição, baseada na de Antuérpia, em 1887 foi identificada por Emile Picot, mercê da comparação com outra obra da mesma imprensa, datada de 1511. Do mesmo modo que as três edições anteriores, a segunda página começa com as 22 palavras de Vorstermann. Os erros são leves e pouco numerosos. Faltam as estrêlas e o triângulo.

Edições Latinas de Mundus Novus

1503-1506

Paris	1a.	1503	Baligault e Lambert	(<i>Albericus Vespucci</i>
Veneza	2a.	1504	J. B. Sessa (duas tiragens)	(<i>laurentio...</i>)
				(<i>Mundus Novus</i>)
Augsburgo	3a.	1504	J. Otmar (duas tiragens)	(<i>Mundus Novus</i>)
Roma	4a.	1504	E. Silber	(<i>Mundus Novus</i>)
Nuremberg	5a.	1505	Não identificado	(<i>Mundus Novus</i>)
Estrasburgo	6a.	1505	M. Hupfuff	(<i>De Ora Antarctica</i>)
Rostock	7a.	1505	H. Barkhusen	(<i>Espistola Albericij</i>)
Colônia	8a.	1505	J. Landen	(<i>Mundus Novus</i>)
Antuérpia	9a.	1505	M. Vorstermann	(<i>Mundus Novus</i>)
Paris	10a.	1506	G. de Gourmont	(<i>Mundus Novus</i>)
Paris	11a.	1506	Denis Roce	(<i>Mundus Novus</i>)
Paris	12a.	1506	Gering e Rembold	(<i>Mundus Novus</i>)

II. EDIÇÕES DE MUNDUS NOVUS EM ALEMÃO.

Vespúcio, incorporado temporariamente à gesta náutica de Portugal, de 1501 a 1504 navegou nas suas caravelas e participou das

suas descobertas. Ao evocar, em *Mundus Novus*, a importante viagem austral, era inevitável que a sua divulgação enaltescesse o país animador. Era igualmente legítimo que Portugal procurasse divulgar as notícias naquelas regiões que eram de maior interesse para êle. Por causa disso, e também por estarem ligados ao comércio marítimo do Índico, os financistas e negociantes alemães quiseram conhecer os pormenores do novo triunfo que o seu cliente obtivera no outro mundo. Satisfazer essa curiosidade significava, para D. Manuel, robustecer, entre êles, o seu prestígio. Além disso, era tão assombrosa a natureza dos achados, os antípodas, a continentalidade e a índole dos povos descobertos sacudiram tanto a imaginação dos eruditos e dos leigos que, mesmo sem a pressão dos interesses criados, talvez, as edições de *Mundus Novus* tivessem se multiplicado como ocorreu, mais tarde, na Itália com a sua inclusão no *Paesi*, na França com a edição de *S'ensuyt le nouveau Monde* e, na Holanda com diversas publicações de Johann Doesborgh.

No ano de 1505 apareceram duas traduções: a de Basiléia, que se baseou na 1a. edição de Paris e a de Estrasburgo que se fundamentou na de Roma.

Tradução de Basiléia.

I Edição alemã: *Von der neü gefunden*. . . Basiléia, 1505, 4to., 16 páginas. Exceto em relação à capa, onde suprimiu o nome de Vespúcio e introduziu uma efígie de corpo inteiro de D. Manuel de Portugal, Michael Furter, diretor e impressor dessa tradução, cingiu-se ao original de Baligault e Lambert. Alterou a ordem de alguns parágrafos e cometeu erros como *Beseplitte*, em vez de *Bese-ghise* e *Mandiglia*, em vez de *Mandingha*. O seu maior erro, que, aliás, teve imitadores, foi dar à expressão *iocundus interpres* o sentido de “alegre intérprete”, traduzindo-a, de modo absurdo, por *der hupsch Tollmetsch*. Indicou o original de que se serviu para a tradução com a seguinte frase:

“esta carta foi traduzida do latim para o alemão, de um exemplar que veio de Paris no mês de maio do ano de 1505”.

II Edição alemã: *Von der neüw gefunden*. . . Augsburgo, 1505, Johann Schonsperger. Trata-se de um in 4to., de 14 páginas, com um texto praticamente igual ao da 1a. edição de Basiléia. Na capa aparece também uma efígie de D. Manuel.

III Edição alemã: *Von der neüwen gefunden*. . . Johann Schobser, Munique, 1505, in 4to., 20 páginas. Serviu-lhe de modelo a edição de Augsburgo. A capa conserva a efígie de D. Manuel.

IV *Edição alemã Von der neu gefunden*. Wolfgang Huber, 1506, Nuremberg, in 4to., 14 páginas. A primeira e segunda edição alemãs serviram-lhe de modelo. As diferenças são pouco importantes. Efigie de D. Manuel na capa.

V *Edição alemã: Von der new gefunden*. Wolfgang Huber, 1506, Nuremberg, in 4to., 11 páginas. A capa leva a efigie de D. Manuel e são de pequena monta as diferenças tipográficas que existem entre estas duas últimas. As linhas são maiores e, conseqüentemente, o número de páginas diminuiu. Uma das suas características reside na impressão das armas de Nuremberg no fim da obra.

Tradução de Estrasburgo.

I *Edição alemã: Von der nuwen Insulen*. Matías Hupfuff, 1505, in 4to., 15 páginas. Está baseada na 4a. edição latina (Roma) de 1504, a mesma utilizada por êle em *De Ora Antarctica* (a 6a. latina), publicada em 1505. Usa as mesmas duas estampas superpostas na capa. E' digno de nota o fato de que essa tradução não inclui nem a epístola, nem o poema de Ringmann, nem a autenticação do Padre Miguel, incluída em *De Ora Antarctica*.

II *Edição alemã: Von der nawen insulen*. Wolfgang Muller, Leipzig, 1505, in 4to., 15 páginas. Edição baseada na anterior de Hupfuff. Na capa aparece um selvagem, em vez de duas gravações superpostas.

III *Edição alemã*. Reimpressão, por Hupfuff, da sua 1a. edição de Estrasburgo. *Von der nuwen Insulen*. Estrasburgo, 1506, in 4to., 15 páginas. Algumas estampas são diferentes das da 1a. edição.

IV *Edição alemã: Von der newen Insuler*. Martin Landesbergk, Leipzig, 1506, in 4to., 12 páginas. Reproduz textualmente a 1a. edição de Estrasburgo, de Hupfuff.

V *Edição alemã: Von den newen Insulen*. Martin Landesbergk, Leipzig, 1506, in 4to., 12 páginas. Segunda edição da anterior, apresentando algumas alterações tipográficas.

VI *Edição alemã: Van der nygen Insulen*. Jacob Winter, Magdeburgo, 1506, baseada na 2a. edição de Estrasburgo, in 4to., 15 páginas.

VII *Edição alemã: Von den nuwen Insulen*. Matías Hupfuff, Estrasburgo, 1508, igual à 1a. in 4to., 15 páginas. Terceira edição de Hupfuff. Indicada por Brunet, em 1864. Não se conhece nenhum exemplar.

Edições Alemãs de Mundus Novus.

Tradução de Basiléia.

Basiléia	1a.	1505	Michael Furtor	(Von der neü gefunden)
Augsburgo	2a.	1505	Johann Schonsperger	(Von der neüw gefunden)
Munique	3a.	1505	Johann Schobser	(Von der neüwen gefunden)
Nuremberg	4a.	1506	Wolfgang Hueber	(Von der neu gefunden)
Nuremberg	5a.	1506	Wolfgang Hueber	(Von der new gefunden)

Tradução de Estrasburgo.

Estrasburgo	1a.	1505	Matias Hupfuff	(Von den nuwen insulen)
Leipzig	2a.	1505	Wolfgang Muller	(Von den nawen insulen)
Estrasburgo	3a.	1506	Matias Hupfuff	(Von der nuwen Insulen)
Leipzig	4a.	1506	Martin Landersbergk	(Von den newen Insulen)
Leipzig	5a.	1506	Martin Landersbergk	(Von den newen Insulen)
Magdeburgo	6a.	1506	Jacob Winter	(Van den nygen Insulen)
Estrasburgo	7a.	1508	Matias Hupfuff	(Von den nuwen Insulen).

Edição Holandesa.

Antuérpia	1508	Johann Doesborgh	(Van der niewer werelt.) in 4to. (16 pág.).
-----------	------	------------------	--

Antuérpia tem a sorte de estar bem situada geograficamente para a venda das especiarias orientais para a Inglaterra, França e países do Mar do Norte. Os contactos que manteve com Lisboa foram constantes. A essas circunstâncias é que, provavelmente, devemos atribuir o empenho do editor Johann Doesborgh em difundir as viagens e o *Mundus Novus* de Vespúcio. Mais alerta do que escrupuloso, não vacilou em afastar-se do texto, acrescentando, alterando ou omitindo à sua vontade. A tradução parece ter base na edição latina de Vorstermann, publicada em Antuérpia em 1505, e também na edição italiana do Paesi, de 1507. Aproveita trechos de ambas. No título cita Portugal:

“Van der niewer werelt oft landtschap niewelicx ghewonden Vanden doorluch tighen coninc van Portugal doorden alderbesten pyloct ofte zeë Kender der werelt”.

Esse in 4to., de 16 páginas, apresenta um gráfico curioso, que vai, aqui, reproduzido. Trata-se da interpretação do triângulo de Vespúcio. Representa as posições relativas ocupadas no globo pelos habitantes de Lisboa e das terras austrais americanas. Em troca, apresenta, em posição errada e fora do lugar, os dois gráficos de estrêlas. Sob o título de *Die Reyse Van Lissebone*, em 1508, publicou também uma mistura de notícias em que reúne navegações de Calecute com outras de Vespúcio. Trata-se de um in 4to., de 24 páginas. Em 1509-1510 editou, em holandês, um boletim de uma página com desenhos de indígenas nas margens e alguns parágrafos de texto, tudo fantasia. Finalmente, entre 1510 e 1515, com os mesmos elementos gráficos imprimiu um opúsculo em inglês, in 4to., de 48 páginas, denominado: *Of the newe landes an of ye people founde by the messengers of the Kyng of portyngale named Emanuel*. Essas publicações de Doesborgh carecem de seriedade. Devem ter circulado em pequeno número, pois existe apenas um exemplar de cada uma delas nas Bibliotecas de John Carter Brown, do Museu Britânico e da Hispanic Society de New York (14).

III. A RATIFICAÇÃO PELO EMBAIXADOR DE PORTUGAL ANTE O VATICANO, DOS DESCOBRIMENTOS DO SEU PAÍS, RELATADOS POR VESPÚCIO EM MUNDUS NOVUS E A DIFUSÃO DESSA CARTA COM A EFÍGIE DE D. MANUEL NA CAPA, EM NUMEROSAS CIDADES ALEMÃS, SIGNIFICAM QUE A CORÔA LUSITANA RECONHECEU OFICIALMENTE A 3.^a VIAGEM DO FLORENTINO E QUE ESTAVA DE ACÔRDO COM ELA.

Na Alemanha, o afã de render homenagem a Portugal com *Mundus Novus* durou cinco ou seis anos e manifestou-se tanto na ampliação ou modificação do título das edições latinas como no frontespício da obra, onde alguns editôres acrescentaram uma effigie de D. Manuel, de corpo inteiro. Já descrevemos as edições alemãs e enumeraremos logo mais as do *Paesi Novamente Retrovati*, que incluem *Mundus Novus* como narrativa da terceira viagem de Vespúcio. Nas edições e reedições alemãs concede-se um amplo lugar a Portugal. É um reconhecimento da paternidade das suas descobertas na África, Arábia, Pérsia e Índias Orientais e Ocidentais. As primeiras edições de *Mundus Novus* circularam, assim, em latim e alemão, nas cidades de alta cultura e nas universidades.

(14). — Para as edições alemãs, consultar as obras citadas de Panzer, HARRISSE, Haebler e E. Welter: *Repertorium typographicum*, 1864. A respeito da edição holandesa, confira-se Proctor: *Johann Doesborgh*, London, 1894. G. Winship: *Gutenberg to Plantin*, 1926. Nijhoff: *L'art typographique dans les Pays Bas*, 1926. Holtrop: *Monuments typographiques des Pays Bas au XVe siècle*. C. H. Coote: *The voyage from Lisbon to India*, London, 1894. H. HARRISSE: *A critical review of two recent books*, 1895. F. Hummerich: *Quellen und untersuchungen zur fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien*, Munique, 1918.

Se a Itália dominava no campo cartográfico, a Alemanha era o principal centro de estudos cosmográficos e artes gráficas, como o demonstra a abundante produção impressa no primeiro quartel do século XVI.

Em 1507, ano em que surgiu o *Paesi*, apareceram edições italianas de *Mundus Novus*, francesas — *S'ensuy^z le Noveau Monde* — apareceram em 1510-1515. Em Espanha e Portugal, os eruditos tiveram de se satisfazer com as edições latinas. O fato de que não sejam conhecidos, hoje, impressões castelhanas e portuguesas de *Mundus Novus* e do *Paesi*, não constitui prova decisiva de que não tenham existido, pois de algumas edições latinas e alemãs só restam um ou dois exemplares para atestarem a sua existência (15).

Durante os anos de curiosidade geral que acabamos de resumir, o mundo letrado não tomou conhecimento das cartas de Vesúcio que, hoje, chamamos de as manuscritas. Jaziam em alguma residência de Lorenzo Pierfrancesco, na França ou na Itália, e não se tornaram populares até os séculos XVIII e XIX, quando foram editadas pelos estudiosos que as descobriram. As quatro viagens realizadas pelo florentino eram conhecidas pelos navegantes e autoridades de Espanha e Portugal e por todos os que leram, em italiano, desde 1505, em Florença, a *Lettera* que as descreve. Todavia, os fatos relatados não alcançaram difusão enquanto o Ginásio de São Dié não editou, em 1507, na sua *Cosmographia Introductio a Quatuor navigationis*, traduzida, segundo Gualterio Lud, de uma versão francesa, hoje desaparecida, enviada ao Príncipe Renato de Lorena, Mecenas do Ginásio.

(15). — Em relação à raridade dos exemplares que subsistem das edições da carta de Vesúcio, buscando nas obras relativas à bibliografia, recolhemos as seguintes indicações, em obras anteriores à segunda guerra mundial. As que não mencionamos existem em maior número de exemplares. Da 5a. edição latina, restam apenas dois exemplares, na Biblioteca Universitária de Wuzburg e na Biblioteca Pública de New York; da 7a., um no Museu Britânico e outro na Biblioteca Estadual de Frankfort; da 8a. existe um exemplar na Coleção Huntington e outro na Biblioteca Estadual de Colônia. Da 11a. um no Museu Britânico e outro na Biblioteca Pública de New York. Acontece o mesmo com as edições alemãs. Da 3a. edição (tradução de Basileia), resta um exemplar na Biblioteca Estadual de Munique, da 1a. (tradução de Estrasburgo), um exemplar na Biblioteca Estadual de Berlim e outro na coleção Huntington; da 3a. edição, um na mesma biblioteca de Berlim e outro na Nacional de New York; da 4a. edição, um no Museu Britânico e outro na edição Huntington; da 5a., um na Biblioteca Estadual de Bremem; da 6a., um na Biblioteca Estadual de Brunswick e, da 7a., Brunet menciona um no seu *Manual*, de 1863, mas, agora, já não existem notícias dele. A Coleção Huntington é, hoje, a Hispanic Society de New York. Estas eram as edições acessíveis antes da segunda guerra mundial, mas os bombardeios e os incêndios muito destruíram. Seria conveniente que algum Instituto de Bibliografia Americana conferisse estas informações para pôr em dia o levantamento que fizemos dos exemplares de *Mundus Novus*, em latim e em alemão. Em relação à tradução holandesa de Doesborgh, parece que o existente na John Carter Brown Library é exemplar único.

Junto com essa carta foi enviado um mapa-múndi de magnífico aspecto, que serviu de modelo morfológico e toponímico a Waldessemüller. Assinado, Nicolay de Canério, *ianuensis*, além dos três continentes já conhecidos, apresentava ainda um esboço do novo mundo, com grande número de nomes na costa austral. Desde os meados do século XIX até os primeiros anos do século XX, espaço de tempo em que, na Europa, são descobertos e analisados os mapas da América, cartógrafos eminentes como Gallois, Jomard, Marcel, Nordenskiöld, Hamy, Schuller, Magnaghi, Kretschmer, Denucé, Harrisse, Ruge, Stevenson, Phillips, Heawood, Vignaud, Lowery, Almagiá, Tomaschek, Teleki e Winter concordaram em atribuir-lhe a data de 1502, a mesma que se atribuiu a Cantino, King-Hamy, Pesaro e Kunstmann II (16). Os três últimos registram a

- (16). — Vespúcio era cartógrafo. E' conveniente recordar êsse fato por causa dos muitos improvisadores que existem, dispostos a negar-lhe qualquer qualidade. Na sua carta de 18 de julho de 1500 (que, recentemente, demonstramos ser, mesmo, de sua autoria) comunicava a Lorenzo Pierfrancesco de Médicis que ia enviar-lhe um mapa plano do mundo e um globo, que, na época, era chamado *maçã* ou *corpo esférico*. Assim expressava-se êle: "Resolvi, Magnífico Lorenzo, da mesma forma que comuniquei-lhe por carta os sucessos que me ocorreram, enviar-lhe as duas ilustrações com a descrição do mundo, feitas e preparadas com as minhas próprias mãos e saber. Trata-se de um mapa plano e de um mapa-múndi de corpo esférico, que penso enviar-lhe por via marítima, por intermédio de um tal Francisco Lotti, um florentino que se encontra aqui. Acredito que gostará dêles, especialmente do corpo esférico, que há pouco tempo preparei para suas Majestades, que gostam muito dêle". O leitor encontrará a carta, reproduzida em fac-símile, bem como a sua tradução, em *Am. I. b. II.* tomo I. Martin de Angleria, que, em várias oportunidades, referiu-se a Vespúcio nas suas *Décadas*, confirma que êle era um cartógrafo com as seguintes decisivas palavras: "Fui encontrar-me com o prelado de Burgos (Bispo Fonseca), patrono destas navegações, de quem, acima, foi feita ampla menção. Fechando-nos em um aposento, vimos muitos indícios destas coisas: uma esfera sólida do mundo com êstes descobrimentos, e muitos pergaminhos que os marinheiros chamam cartas de marear, uma das quais foi desenhada pelos portugueses, carta essa em que, segundo dizem, o florentino Vespúcio, *homem perito nessa arte*, colaborou...". (Década segunda, livro X, pág. 189. Edição Bajel, Buenos Aires, 1944). Alonso de Zuazo, magistrado de São Domingos, em uma carta publicada por De la Puente y Olea em *Trabajos geográficos de la Casa de Contratación* ocupa-se das Molucas (em litígio com Portugal) e, referindo-se a Málaga, afirma que esta pertencia à Espanha, a julgar por um mapa-múndi que mandou fazer Américo. Era de forma esférica e se encontrava no Palácio do Infante D. Fernando... Estas duas alusões, feitas vários anos depois da morte de Vespúcio, confirmam a própria carta do florentino. Além disso, seria difícil ler *Mundus Novus* e a carta de Lisboa de 1502, e, simultaneamente, contemplar os grandes pergaminhos de Hamy, Pisano e Kunstmann II sem observar a concordância entre a relação do rumo "lebeche" (S. S. O.) do itinerário e a inflexão desses referidos mapas, fora do que volta a apresentar-se no planisfério, datado de 1504 e assinado por Maiollo. Qualquer um dos três monumentos citados em primeiro lugar, pode ser da sua autoria. Bellio na *Raccolta Colombina* pensa que êle possa ser o autor de Pesaro. E' verdade, sobre tudo por causa do título *Mundus Novus*, que, pela primeira vez, é, ali, encontrado, mas nós preferimos, como obra mais completa e exata, atribuir-lhe Kunstmann II. E' o primeiro em que aparece toda a toponímia indicadora da viagem realizada, até o rio de Cananor, isto é, a Patagônia. Os cartógrafos modernos admitem que êsse tipo de mapa (assim como Cavério e Cantino, alterados na sua linha da costa atlântica) derivam da viagem e dos conceitos de Vespúcio. Magnaghi, entre outros, escreveu: "fu veramente il Vespucci, non saltando l'inspiratore, ma il reformatore, il creatore d'una carta che doveva offrire una nuova visione del mondo...". (Vol. I, pág. 291). E nós concordamos com êle.

justa inflexão SSO da costa atlântica meridional. Canério, em troca, da mesma forma que Cantino, atribui-lhe maliciosamente uma posição vertical para fazer crer que a terra situada além dela era jurisdição lusitana! O mapa assinado por Maiollo (17) e datado de 1504, do mesmo modo que o planisfério assinado por Waldseemüller e datado de 1507, revelam, clara e detalhadamente, a viagem austral de Vespúcio. Acontece que êsses mapas não circularam, nem foram impressos, de modo qua a atenção dos eruditos permaneceu concentrada no sensacional anúncio de *Mundus Novus*. Pesaro já trazia a denominação *Mundus Novus*.

Castela sofre fomes, pestes e calamidades. Entre 1504 e 1508 morrem a Rainha Isabel, Colombo e o Príncipe D. Filipe de Borgonha. D. Fernando não se preocupa com a propaganda; organiza a *Casa de Contratación* para concentrar a ação descobridora e ordenar o ensino de náutica, cosmografia e cartografia. Por outro lado, D. Manuel, muito mais jovem do que D. Fernando, beneficia-se com *Mundus Novus*, o *Paesi*, o *Itinerarium Portugallentium*, a *Cosmographia Introductio* e com as traduções das duas cartas impressas de Vespúcio. Em alguns casos, o título e a capa dêsses opúsculos e livros são-lhe inteiramente destinados. O interesse provocado pelas narrações despertou o interesse universal e êste, por sua vez, elevou D. Manuel e a sua pátria no consenso público. Quando tratarmos de casos concretos, perceber-se-á a intensidade e a constância dessa corrente espiritual.

A primeira versão de *Mundus Novus*, que, no título, faz alusão ao Rei, foi a 6a., publicada por Matias Hupfuff em 1507, em Estrasburgo. Já nos referimos a *De Ora Antarctica* quando tratamos dessa edição. Como se pode ver na capa que reproduzimos, duas gravações superpostas mostram um grupo de índios e cinco barcos cheios de barbudos brancos, no mar. Quando se abre o opúsculo, aparece uma epístola de Filésio Ringmann, endereçada a Jacob Bruno, onde o remetente ocupa-se de Vespúcio; diz:

“O nosso Virgílio contou na sua Enêida que, além dos astros que seguem o sol na sua trajetória anual, es-

(17). — Confirma-se *Il Maiollo di Fano in la Mostra eVspucciana*, artigo que publicamos na Revista *L'Universo* do Instituto Geográfico Militar de Florença, nov.-dez., 1954 e na *Revista de História*, São Paulo, n. 26, 1956. Graças à presença dêsse magnífico planisfério na exposição, pudemos compará-lo com Hamy, Pesano, Kunstmann II, Canério, Cantino e Waldseemüller, também ali presentes, chegando, então, à conclusão de que êle não poderia ser de 1534, como estava indicado na etiqueta. Por essa da sua configuração geral, da sua toponímia e, ainda, por outras razões, êle deveria datar de 1504. Uma legenda colocada no Brasil — “*Terra de Gonçalo Coelho*” e a excepcional cartografia evidenciavam também que se tratava de uma nova representação da viagem de 1501-1502, em que Vespúcio havia navegado sob o comando do Capitão Geral Gonçalo Coelho ao largo da costa do Brasil para, depois, receber o direito de orientar o périplo. Foi, assim, que, debaixo da sua direção, foram descobertos o Rio da Prata e a Patagônia, entre 15 de fevereiro e 7 de abril de 1502.

tende-se uma terra em que Atlas sustém nos seus ombros o eixo do mundo de estrêlas brilhantes. Se alguém, até agora, duvidou dessa afirmação, deixará de fazê-lo, depois de ler com atenção o que Alberico Vespúcio, homem de grande espirito e não menos experiência, relatou, sem ficção nenhuma, a respeito de um povo que habita ao sul, quase debaixo do polo antártico”.

No poema que vem impresso na página oposta, denominado *De terra sub cardine Antartico per regem Portugallie pridem inventa*, expõe resumidamente a maneira pela qual essa terra foi descoberta:

“O rei que agora governa Portugal descobriu êsse país enviando uma frota através dos escolhos do mar”.

Não é possível descobrir paixão nos juízos de Ringmann. Coloca as coisas nos seus devidos lugares: Portugal, arriscando os seus barcos, descobriu novas terras muito austrais. Vespúcio tomou parte nessa expedição; quem a descreve diz: *sem ficção*. Isso significa que o autor em causa buscou garantias, informando-se com pessoas que souberam da viagem. Não deseja interessar-se por mentiras. Cada um têm o seu quinhão: D. Manuel a responsabilidade de ter enviado a frota e o florentino o mérito de ter escrito uma narração, cheia de novidades, da viagem. Não afirmou que Vespúcio era o comandante da expedição. Apenas insiste que o seu relato é verdadeiro, ou melhor, que a descrição da terceira viagem, que aparece nas oito páginas seguintes, é verdadeira.

Uma apostila muito importante, colocada no final a título de colofão, deveria ter sido para Ringmann a corroboração legal e convincente da viagem e da carta. Assim também deve ser considerada por todos os que a interpretem sem prejuízos:

“*Et ego Johannes michaelis clericus Utbergensis diocesis publicus sacra auctoritate Apostolica notarius praesens et personaliter fui Rhome in palacio sanctissimi domini nostri Julii pape II in consistorio publico: Dum et quando oratores Regis Portugallie fecerim prefato sanctissimo domino Julio obedienti et inter cetera de et superista terra ut premititur noviter inventa quod praesentis meo cyrographo protestor*”. Traduzindo: “E eu, João Miguel, clérigo da diocese de Vibergen, notário por autoridade apostólica, estive pessoalmente presente, em Roma, ao Consistório Público, realizado no palácio do nosso Santíssimo Papa Júlio II, em que os embaixadores do Rei de Portugal renderam homenagem de obediência ao mencionado Santíssimo Júlio e em que, entre outras coisas, *tratou-se, como é dito acima, dessa terra recentemente descoberta, do que dou fé, presente o meu amanuense*”.

Essa certidão do notário apostólico empresta um valor concreto inestimável à carta de Vespúcio, pelo fato de encontrar-se associada a ela, e só a ela, num mesmo opúsculo. Ringmann, provavelmente requereu, em Roma, dêsse notário, a legalização do ato para que, em Estrasburgo, ninguém duvidasse das extraordinárias novidades narradas na carta. Além disso, lendo-a, Hupfuff enteirar-seia da transcendência do documento enviado, uma vez que o Rei de Portugal e o Papa eram partes na solene cerimônia.

Sábios como HARRISSE, VARNHAGEN, D'AVEZAC e SABIN têm reproduzido esta apostila sem perceberem que o ato do Vaticano garante, de um modo conclusivo, a veracidade da viagem e a autenticidade da descoberta das terras austrais. O notário apostólico certifica que estava presente ao referido consistório público em que o Embaixador Diogo Pacheco protestou submissão ao Supremo Pontífice, oferecendo-lhe em nome de D. Manuel as terras descobertas pelas frotas de Portugal nos países de além mar, entre outras, as que deram causa ao relato de *Mundus Novus*.

O exemplar de *Mundus Novus* que consultamos era o do Museu Britânico. Pensando que, talvez, o Museu tivesse também o texto do discurso do Embaixador, procuramô-lo e tivemos a sorte de encontrá-lo, encadernado juntamente com o de um embaixador de Luís XII, de França. Trata-se de um pequeno opúsculo, assim denominado: *Obedientia Potentissimi Emanuelis Lusitaniae Regis per Clarissimum juris consultum Dieghum Pacettum, Oratorum ad Iulium II Pontifex Max. Anno Dni. MDV*. Trata-se de uma homenagem pública tributada ao Papa, de uso corrente na data de exaltação ao trono de São Pedro (18). Cumpriam-no os soberanos, por intermédio de embaixadores. O inusitado, e, por isso mesmo, interessante, é que nesse ato diplomático tivessem sido feitas alusões à obra de apostolado cristão empreendida pelo Rei de Portugal. Diogo Pacheco menciona a África, a Arábia, a Pérsia, as Índias e essas mesmas terras novas que Vespúcio descreve em *Mundus Novus (De Ora Antarctica)*, e que o Padre Miguel evoca no final da carta. Assim, por meio desta cerimônia legalizada, estabelece-se uma ligação entre o Santo Padre, o Rei de Portugal, o Embaixador e o florentino em torno do que vem a ser, em conjunto, a participação oficial, feita por D. Manuel, dos descobrimentos de Vasco da Gama, de Cabral e de Vespúcio. Além disso, é a primeira vez que a narração de *Mundus Novus* é usada como fonte de história portuguesa. Através das breves palavras

(18). — Existem arquivados na Biblioteca do Vaticano numerosos atos de obediência prestados por embaixadores de D. Manuel de Portugal aos Papas, no século XVI. Possui, assim, a Igreja, uma verdadeira cronologia dos descobrimentos, através dos documentos relacionados com essas cerimônias e da correspondência que as precedia e seguia.

do embaixador, transparece a satisfação legítima do soberano que, depois das múltiplas façanhas da sua nação, deposita nas mãos do chefe da Cristandade as terras conquistadas, juntamente com os seus habitantes. No caso de um litígio com outra potência, êsse ato constituia, politicamente, uma afirmação de direitos. Ao associar o notário o discurso do embaixador Pacheco ao conteúdo da carta de Vespúcio, resulta claro que D. Manuel tinha ordenado a viagem austral, convidado o florentino e tomado conhecimento do seu relato. Como expressão de um fato consumado, êsses testemunhos são mais seguros do que a ausência fortuíta do nome de Vespúcio nos papéis da Chancelaria (19).

Também constituem um importante testemunho as palavras da epístola endereçada por Filésio Ringmann ao seu amigo Bruno. Longe dos fatos e de quem os descreve, pondera a grandiosa aventura. E estando no Vaticano, onde filtros seculares separam o verdadeiro do falso, envia a um editor amigo o relato *sem ficção* de um dos fatos que se celebra. E, isso, êle só o pôde fazer depois de acautelar-se a respeito da fidedignidade do escrito. Recordemos que êsses fatos ocorreram em 1505, apenas três anos depois da navegação de 1502, descrita em *Mundus Novus* e publicada em 1503-1504. Já existiam cinco edições quando Ringmann planejou a sua. Da atmosfera que reinava no Vaticano naqueles anos, o alsaciano recebeu uma impressão particularmente favorável à obra descobridora de Portugal. E' o primeiro editor que fêz justiça aos sacrifícios da nação lusitana e que traz o testemunho de uma terceira pessoa. A certidão do notário, autoridade apostólica, é para *Mundus Novus* qualquer coisa como o sêlo de chumbo que o Vaticano invariavelmente apõe às suas Bulas, como sinal de autenticidade de origem.

Em 1505, no mesmo ano em que o *De Ora Antarctica* era editado em Estrasburgo, aparecia em Amberes, principal pôrto do comércio das especiarias, a 9a. edição latina de *Mundus Novus*, publicada por Vorsterman. Deve-se a ela o mencionado acréscimo de 22 palavras ao título, acréscimo êsse que esclarece bastante o assunto. O aparecimento dessa edição não nos deve causar espécie, e menos ainda pelo fato de ter aparecido na Flandres, cujos comer-

(19). — Referimo-nos às insinuações de Santarém a respeito das conseqüências que pretende tirar de supostas pesquisas suas. Lamenta-se nas suas "Recherches..." por haver consultado inutilmente 82.052 documentos do Corpo Cronológico do Arquivo da Torre do Tombo. Buscava documentos a respeito de Vespúcio e não os encontrou. Na sua opinião isso significava que Vespúcio não havia navegado a mando de Portugal, tese predileta de alguns lusitanos, e razão pela qual acompanham Santarém em negativas, tão numerosos como auidazes e inconsistentes. Estando em Lisboa, examinamos êsses papéis da Chancelaria, e qual não foi a nossa surpresa quando descobrimos que os 82.000 manuscritos não se referiam à época da viagem de 1501-1502, mas estendiam-se no tempo, desde 1161 até 1699! Essa maneira de enganar o leitor, ainda que bem forjada, elaborada com elegante maestria, não é desculpável e, o que é pior, serve e continuará servindo para todos aquêles que, por algum motivo, querem diminuir ou obscurecer a ação de Vespúcio.

cientes e industriais, freqüentemente, financiaram as expedições de D. Manuel, encarregando-se da venda das especiarias, essências, drogas, pérolas e jóias da Índia Oriental e das finas madeiras destinadas à indústria de corantes, trazidas da Índia Ocidental. Se a alguma cidade do norte poderia interessar a importante viagem às terras austrais do Novo Mundo, essa cidade seria, precisamente, Antuérpia (20). Por causa dessa cordial convivência com o comércio português, esta edição dá um destaque especial à participação do Rei no descobrimento. Podemos ler o seguinte:

De natura et moribus et ceteris id generis gentis que in novo mundo opera et impensis serenissimi portugallie regis superioribus annis invento. Traduzindo: “Usos e costumes etc. dos habitantes do novo mundo recentemente descoberto por causa dos esforços, e às expensas, do ilustre rei de Portugal”.

Assim, o interesse concentra-se na descrição dos indígenas da costa atlântica meridional a que se refere Vespúcio em *Mundus Novus*. Trata-se, especialmente, do Brasil, país onde as tripulações detiveram-se mais. Esse mesmo acréscimo aparece em outras três edições latinas publicadas em Paris, a saber: a de Gilles de Gourmont, a de Denis Roce e a de Gering e Rembolt, tôdas de 1506. A relação dos fatos estende-se, sem tirar nada à Espanha, dado que, até então, não se havia acercado das costas austrais que *Ihe* pertenciam.

Simultaneamente, a ação lusitana é proclamada em outra língua. Vínculos econômicos, que duraram séculos, predisuseram a Liga Hanseática, os Fuggers e os Bélzares a difundir documentos do gênero de *Mundus Novus*. Com as informações do seus agentes, ser-lhes-ia fácil corroborá-los ou desmentí-los. Portanto, o fato de Augsburgo, Nuremberg, Estrasburgo, Rostock e Colônia terem sido os locais das primeiras edições do referido documento deve ser interpretado como uma indicação da autenticidade dos acontecimentos relatados. Mais tarde, os três citados, assim como Basiléia, Munique, Leipzig e Magdeburgo divulgaram a carta também em alemão. Não existiu apenas *uma* tradução, mas *duas*; a primeira em Basiléia e a segunda em Estrasburgo, ambas em 1505. Na primeira, foi eliminado do frontespício o nome de Vespúcio e o título *Mundus Novus*. Dir-se-ia que um punho vigoroso tomou ao seu cargo esta campanha de difusão de notícias, limitando-se a exaltar a ação do Rei D. Manuel e a divulgar as façanhas da navegação austral portuguesa. Tanto melhor para precisar a atuação de Vespúcio, porque, alheio à propaganda, sua ação é, pelo principal interessado, relacionada à execução das suas régias ordens.

(20). — Confira-se HARRISSE e SABIN, *op. cit.*

Nas cinco edições alemãs — Basileia, Augsburgo, Munique e Nuremberg — desperta a nossa atenção, na capa, uma figura juvenil, coroada e revestida de uma armadura. Levanta na mão direita um cetro e segura com a esquerda o escudo das cinco quinas. Essa imagem da vitória de Portugal representa D. Manuel e ocupa quase toda a capa. Sobra, felizmente, espaço bastante, não muito, mas suficiente, para abrigar, na parte de cima, o seguinte título: *Von der neu gefunder Region so wol ein welt genempt mag werden durch den Cristenlichen Kunig von Portugall wunderbarlich erfunden*. Traduzindo: “Da nova região encontrada, como também um mundo ganho, maravilhosamente descoberto graças ao cristão Rei de Portugal”. O texto da carta procede da edição latina de Lambert, de 1503. Por causa da agressividade triunfal do jovem monarca, resulta simbólica a marca de água do papel: uma cabeça de touro iluminada por uma estrêla!

Hüber, de Nuremberg, editou em 1506 a V edição da tradução de Basileia. Trata-se da que estamos comentando, tomada do original da Hamburg Commercial Bibliothek, exposta na *Mostra Vespucciana* de Florença. As quatro edições anteriores, de Basileia, Augsburgo, Munique e Nuremberg, salvo pequenas diferenças verbais, são análogas a esta. O título, inteiramente consagrado a D. Manuel, é o mesmo que foi assinalado mais acima.

Outra tradução, feita em Estrasburgo, teve sete edições entre 1505 e 1508. Parece que *De Ora Antarctica* serviu-lhe de base. Reproduz no frontespício as mesmas ilustrações daquela e leva o título *Von der nuwen Insulen un landen so yetz Kurtzlichen erfunden synt durch den Künig von Portugall*. Traduzindo: “Das novas ilhas e terras descobertas recentemente graças ao Rei de Portugal”. O título não é exagerado como o que mencionamos antes. Em cinco edições aparece o retrato. Nas doze capas omite-se Vespúcio e recorda-se Portugal. Causaria espécie êsse apaixonamento pelas viagens de D. Manuel se o seu contacto comercial e financeiro com banqueiros de Augsburgo e Nuremberg não tivesse sido, desde os primeiros descobrimentos, intenso e continuado, exatamente como o que sustentou com os banqueiros de Amberes e de Florença. Abundam os exemplos dessa vinculação. Em 1504, em Lisboa, preparava-se a expedição de Francisco de Almeida, primeiro Vice-rei da Índia, e D. Manuel, cujos gastos cresciam na mesma medida em que ia estendendo as suas proezas, recebia de boa vontade ajuda econômica do exterior, da mesma forma que, quando necessário, utilizava pilotos, marinheiros, fidalgos, cosmógrafos astônomos e cartógrafos de outras nacionalidades. Havia-os portugueses mas a procura excedia a produção local. Alguns historiadores e críticos portugueses costumam protestar contra a idéia de

que o seu país necessitasse de qualquer pessoa vinda de fora. Não é “compreensível” ou não é “concebível”, dizem e se “icterician” (esperneiam) inútilmente porque as provas em contrário vencem-nos. Foi o que aconteceu de Cadamosto a Vespúcio e de Zacuto a Mestre João. A Espanha procedeu do mesmo modo, de Colombo a Magalhães, de Canério a Ribeiro e de Angleria a Vespúcio.

Os recursos do pequeno país não eram proporcionais às exigências enormes, em homens e dinheiro, feita pelas froτας. Cada expedição provocava perda de vidas e quando naufragavam caravelas ou sucumbiam tripulantes em combate com africanos, indígenas americanos, árabes, persas ou hindús, morriam também pilotos e cosmógrafos. Era necessário substituí-los. A acentuação do tráfico marítimo impôs um ritmo acelerado à magnitude das frotas. Vasco da Gama só tem à sua disposição 4 barcos em 1497, mas Cabral já comandou 13 em 1500. O mesmo Gama obteve 21 em 1502 e Almeida contou com 30 em 1505 (21).

Para essa última expedição, precisamente, D. Manuel concedeu às cidades de Augusburgo e Nuremberg o privilégio de armar e fretar três navios para acompanhar o referido Vice-rei Almeida à Índia e mercadejar na costa (22). Zarparam de Amberes em janeiro de 1505, arribaram a Lisboa em março, levantaram âncora com a frota portuguesa e chegaram, depois de uma demorada travessia, a Cochim, em outubro do mesmo ano de 1505. Tomaram parte tanto nas batalhas como no tráfico e regressaram a Portugal em novembro de 1506. Este é apenas um caso, entre muitos, nascido do contacto econômico entre a Liga Hanseática, os Fuggers, os Bélzares e D. Manuel (23). Também é compreensível que essa vinculação despertasse, na Alemanha, o desejo de conhecer, de modo continuado e exato, os descobrimentos portugueses. Daí as suas informações fidedignas. Os alemães são lógicos e ponderados e sabem separar com sagacidade o grão, da palha. E’ o que demonstram os seus primeiros cronistas, Sprenger, Staden, Schmidel (24) e os redatores desses *Neuen Zeitung* que foram os jor-

(21). — Confira-se *Ant. l. b. II.*, por R. L., Tomo 1, pág. 201.

(22). — Confira-se Ruge e Sabin, *op. cit.* e F. Hummerich: *Quellen und untersuchungen suhr fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien*. Munique, 1918.

(23). — Confira-se *The House of Fuggler* de Stauber e *The romance of Commerce* de H. Gordon Selfridge. São de igual interesse os *Fuggler Newsletters* de 1924 e a segunda série de 1926. Os Fuggler ou Fúcares recebiam em Augsburgo cartas dos seus agentes, levados por correios especiais. Muitas referem-se a navegações e procedem de Lisboa.

(24). — Em 1505, Sprenger viajou em um dos barcos que foram de Antuérpia à Índia, com Almeida. Viajou no *Leonhard*, e voltou de Cochim em 1506. Preparou vários trabalhos quando do seu regresso: uma série de ilustrações relativas à Índia e à África, com texto em alemão, uma descrição da viagem, aparecida em 1509, em Colônia, com o nome de *Die Mertart* e uma *Relatic... de maxima sua marina peregrinatione... versus polum antarcticicum in Indiam*, que não parece ter sido publicada em Paris até 1724. Confira-se Hummerich,

nais do tempo, publicados pelos Fuggers (25). Com a correspondência dos seus agentes eles transmitiam inumeráveis notícias, ao mesmo tempo que refutavam falsidades. Essa exigência interessada explica as doze edições de *Mundus Novus* que, em três ou quatro anos, vieram à luz na Alemanha. Êxito enorme e sem precedentes e, se as doze edições latinas eram destinadas a cosmógrafos e físicos, estas últimas eram para leitores que arriscavam os seus haveres, quando não a vida. Por meio de freqüentes viagens de ida e volta entre Lisboa e Sevilha, os desconfiados inteiravam-se do que suspeitaram ou temeram e do que havia de verdade a respeito das navegações de ambas as Índias. Se as viagens de Vespúcio não tivessem sido realmente realizadas e se o seu *Mundus Novus* não fôsse uma descrição "fidedigna" e autêntica "dêle", Portugal não lhe teria emprestado o seu apóio, não teria obtido difusão pelos países ocidentais da Europa na forma inusitada porque o conseguiu, teria sido denunciado pelos comerciantes alemães, florentinos, flamengos e venezianos, bem informados que eram, e os eruditos e os editôres não tardariam a descobrir a farsa, impedindo, assim, uma difusão maior. Os conceitos de Vespúcio de continentalidade, de quarta *pars mundi* e de habitabilidade dos antípodas estavam corretos, da mesma forma que a posição, no globo, das populações das novas terras, em relação às da Europa. Semelhantes observações atiladas só poderiam provir de um conhecimento *de visu*. Por causa disso, isto é, porque eram exatas, serviram de base para tratados e livros de ensino universitário (26) dos grandes cosmógrafos dos começos do século XVI.

op. cit. Sabin, op. cit. e F. Schulze-Heitz: *Balthasar Springers Indienfahrt*, 1505-1506, Estrasburgo, 1902.

Hans Staden escreveu um excelente livro a respeito dos indígenas brasileiros, entre os quais esteve prêso durante dois anos. Confira-se: *Wahrhaftige Historia*. . . Marburgo, 1557. As suas descrições reafirmam, através de estranhas coincidências, as de Vespúcio, feitas cinquenta anos antes. Confira-se Luís Aznar: *Viaje, y cautiverio entre los canibales*, Editora Nova, Buenos Aires, 1951.

Schmidl esteve com D. Pedro de Mendonza quando da fundação de Buenos Aires, em 1536. Viveu entre os índios do Paraguai e, depois, entre os do Brasil, publicando, na sua volta, na Alemanha, uma narração da sua viagem.

- (25). — Uma das maiores riquezas dos arquivos históricos dos Fuggers consiste na sua coleção de boletins noticiosos, impressos durante muitos anos. Como já dissemos, chegavam a Augsburg informações procedentes de tôda a Europa, em particular dos agentes localizados em Antuérpia, Lisboa, Constantinopla, Londres e Veneza. Muitas das mais importantes eram distribuídas entre os clientes com o título de *Neuen Zeitung*.
- (26). — Oferecemos, em seguida, uma lista das principais obras científicas que apareceram na Europa no primeiro terço do século XVI, relativas a problemas de cosmografia. Citamos, por agora, as que consultamos no Museu Britânico. Em outro ensaio reproduziremos os comentários que encontramos nelas, referentes à Vespúcio e ao Novo Mundo. Este trabalho de investigação permitirá descobrir a repercussão que *Mundus Novus* e *Quattuor Navigationes* tiveram nos cosmógrafos da época, tanto nos livros que aspiravam refletir uma visão renascentista do globo, como nos textos destinados à cêtedra. Todos eles são conhecidos através das descrições feitas por eruditos como Humboldt, Harrisse, d'Avezac, Sabin, Church e Gallois. Entretanto, êsse trabalho de ir recolhendo em obras ante-

Depois das suas primeiras lutas marítimas, D. Manuel compreendeu que era impossível apropriar-se da Índia, Pérsia, Arábia e China. Projetou, então, transformar em portos (como D. João já havia feito na África) feitorias artilhadas. Com a proteção dos fortins e a superioridade dos seus navios, manteria o seu comércio e as suas conquistas. Contentou-se com ser “Senhor da navegação, tratos e comércio da Índia Oriental”. Isso era muito, demasiado para dizermos a verdade. Para assegurar a venda dos seus produtos necessitou do estrangeiro, que ocorreu cubiçoso, feliz com a abertura de novos mercados. Como sempre ocorre, os seus interesses criaram interessados tanto em Augsburg quanto em Antuérpia e Veneza. Assim, pois, o êxito alcançado por *Mundus Novus* na Alemanha foi uma consequência imediata do entusiasmo dos negociantes e das camadas cultas pelas assombrosas revelações vespucianas e pela transformação que se produziu, desde Vasco da Gama e Cabral, no comércio das especiarias. Além disso, as novidades relativas aos habitantes da *Índia Ocidental*, situada como escala no caminho de Calecute, havia excitado consideravelmente a curiosidade do povo alemão. Isso explica a difusão que a carta teve nesses idioma e em latim.

IV. INFLUÊNCIA DE TREVIZANO, EM VENEZA, SÔBRE SESSA, FREI GIOVANNI GIOCONDO, MONTALBODDO ZORZI E AS VERSÕES ITALIANAS DE MUNDUS NOVUS.

Em obra anterior (27) já tratamos de Angel Trevisano, o dinâmico Secretário da Embaixada de Veneza em Espanha e Portugal. Quem lhe deu popularidade, aliás, póstuma, foi Martin de Angleria por meio de uma queixa, intercalada nas suas *Décadas*, de que um usurpador de manuscritos havia publicado alguns dos seus antes que êle o fizesse. Referia-se ao *Libretto de tute le Navegazione de Re de Spagna* e à viagem de Cadamosto, publicado por Ver-

riores a Copérnico e a Galileu as noções que dizem respeito à América e à Cosmografia, ainda estava por ser feita. São a *Cosmographiae Introductio* e a *Quattor Navigationis*, de 1507, cujas novidades se difundem em latim, graças à cooperação de Ringmann, dos Lud, de Waldseemüller e de Sandracour e o apóio de Renato de Lorena. Logo em seguida vem G. Lud: *Speculi Orbis Suocinctis*, Estrasburgo, 1507 e *Globus Mundi*, Estrasburgo, 1509; Padre F. Albertini: *Opusculum de Mirabilibus*, Roma, 1510; A. Vadiano (J. Watt): *Habes lector hic libello*, Viena, 1515; *Carla a Rodolfo Agricola*, 1514; Johan Schöner: *Luculentissima quaedam terrae totus descriptio*, Nuremberg, 1515; Solinus, J.: *Polyhistoria*, Viena, 1520; Pedro Apiano: *Cosmographiae Introductio*, Antuérpia, 1520; *Cosmographicus liber*, 1524; Ioannis Camertis: *Narratione et vita di Solinus*, 1520 (Inclui o famoso mapa de Apiano); Glareano Loritis: *Novo Compendio*, 1527; Simon Grineus: *Novus Orbis Regionum*, 1532; Munster: *De Insularum cosmographica*, 1537. O *Dyalogus* de Stanler, de 1506, tem interesse. Será utilizado, juntamente com o *Phisices Compendium* de Pedro Margallo, publicado em 1520 em Salamanca, primeira obra impressa na Espanha que trata da América e de Vespúcio.

(27). — *Am. l. b. II.*, Tomo 1, págs. 90, 131, 180, 194 e 230.

cellese, em 1504, em Veneza. Marino Sanuto teve conhecimento de cartas suas endereçadas ao Almirante Malipiero e ao Embaixador Pisani, e registrou algumas no seu *Diarii*. Berchet publicou várias em 1893, na *Raccolta Colombiana*. Não acreditamos que exista uma biografia completa dêsse personagem, que, bem a merece, por certo, mercê dos serviços que prestou às ciências históricas e geográficas com as suas investigações documentais, então muito perigosas, e com o seu empêno em transmitir à Veneza notícias, grandes e pequenas, a respeito das viagens às Índias Ocidentais e Orientais. Além disso, quando voltou ao Vêneto, procurou difundir todo o conhecimento e informação que obteve. Espanha e Portugal faziam o possível para camuflar o conhecimento das suas rotas marítimas, a posição das terras novas e os mapas que as representavam. Mas, o engêno de Veneza, ameaçado nos seus interesses, e a tenacidade dos comerciantes de Florença, Antuérpia e Augsburgo, sempre conseguiram levar a melhor. D. Manuel, apesar da sua lei condenando a morte todos os que subtraíssem cartas náuticas ou relatos de viagens, não pôde impedir que Trevisano fizesse chegar às mãos do Doge descrições escritas e gráficas de Colombo e cartas de Pinzon, Niño e Vespúcio. O embaixador Cantino, tão pouco deixou-se amedrontar, tanto que enviou ao seu soberano, Ercole d'Este, em Ferrara, um dos primeiros planisférios com a indicação das novas terras. Canério, como é bem sabido, chegou às mãos de Renato de Lorena e, se hoje existem em Pesaro e em Fano dois dos mapa-múndi que derivam das viagens de Vespúcio, como o da Oliveriana e o Maiollo de 1504, foi porque alguém soube surrupiá-los. Todos mostram as novas terras e, em Pesaro já figura *Mundus Novus*.

Os homens cultos do Estado de Veneza pareciam estar muito interessados nos descobrimentos realizados em ambas das Índias. Em 1507, viviam em Veneza Vercellese, Sessa, Monsenhor Vicentino, Montalboddo, Frei Giovanni Giocondo, Trevisano e Alexandre Zorzi. Não é, pois, estranho que êles tenham tomado parte na elaboração do *Libretto*, na segunda edição latina de *Mundus Novus*, na composição dos *Paesi*, ou em outras versões italianas da carta de Vespúcio. Tão pouco é surpreendente que uma cópia manuscrita dela seja encontrada na Biblioteca Nacional de Florença e outra na Comunal de Ferrara, a poucos quilômetros de Módena ou de Mântua, onde Ercolano d'Este, Duque dêsse Estado, recebeu o planisfério de Cantino. No *Libretto*, de 1504, figuram navegações de Colombo, dos Pinzon e Niño, mas não aparece a terceira viagem de Vespúcio, provavelmente porque Trevisano preferiu publicá-la isoladamente, separando esta viagem do florentino, realizada em caravelas do Rei de Portugal, das viagens realizadas sob os auspícios da

Espanha. Graças às averiguações feitas, existem provas de que Trevisano inspirou a edição de Vercelese de 1504 e, ainda que não tenhamos provas seguras, não nos parece descabido atribuir também ao veneziano a idéia de pôr nas mãos de Sessa a versão latina de Lambert, feita pelo P. Giocondo. Êste impressor a havia utilizado para a que publicou nesse mesmo ano.

Trevisano era um servidor de Veneza e à República, lógicamente, convinha que os comerciantes e financistas da Península tivessem conhecimento do que, desde mares longínquos e novas terras, pudesse repercutir sôbre o futuro ameaçado de quem, até então, tivera o monopólio do comércio das especiarias. O seu interesse era, na realidade, o da sua pátria. Nos anos de que nos ocupamos, os primeiros do século XVI, Domingo Pisani foi o embaixador de Veneza em Espanha e Portugal. Foi êle o responsável pela famosa notícia do regresso da viagem Coelho-Vespúcio. Escreveu de Saragoça ao Duque, participando-lhe que havia recebido uma carta de Giovanni Francisco Affaitadi, de 10 de setembro de 1502, de Lisboa, avisando-lhe que a frota enviada no ano anterior à terra dos papagaios havia regressado e que haviam sido descobertas

“2500 mia di costa nova ne mai aver trovato fiu de ditta costa”.

São as 600 léguas de *Mundus Novus* e as mesmas 600 inscritas em um dos esboços de Zorzi no manuscrito de Ferrara e o *Alberico* de Florença. Tal é o espaço percorrido da costa atlântica, reiteradamente assinalado por Vespúcio. Essa função especial de Trevisano na missão: cuidar da parte geográfica e obter, na maneira que melhor lhe parecesse, os antecedentes informativos acessíveis. E' o que indicam cartas suas bastante eloqüentes. Depois de lê-las, ninguém mais poderá duvidar de que êle era um excelente membro do *intelligence service* veneziano e que, por força das circunstâncias, também era um dos homens melhores informados, na Europa, a respeito das viagens ultramarinas... não realizadas sob os auspícios do seu país. Foi, provavelmente, pelo bem da sua pátria e pelo seu próprio que êle, depois de alguns êxitos demasiado ruidosos, foi forçado a abandonar a Península e regressar à Veneza. Calcula-se que isso aconteceu por volta de 1514 ou um pouco depois. Nessa ocasião entregou, ou fêz com que fôsse entregue, a Vercelese o material para o *Libretto* e a Sessa o texto latino de *Mundus Novus*.

Não se contentou com tão pouco, entretanto; o seu ardor dava para mais. Deve ser sua a idéia de editar as viagens a ambas as Índias em uma só obra. Ninguém possuía como êle uma visão cabal do conjunto, conseguida depois de anos de contacto com navegantes, em Lisboa, Cádiz e Sevilha. Nem Montalboddo nem Zorzi haviam escrito uma linha a respeito dêste complexo tema. Trevisa-

no comunicou-lhes o seu propósito e, além disso, facilitou-lhes os meios científicos para realizá-lo. Só êle conhecia os mapas de viagens portuguesas e castelhanas e só êle tinha cópia dêles, mas o problema dos idiomas dificultava uma boa tradução italiana. E já existiam 12 edições de *Mundus Novus* em latim e outras tantas em alemão. Apesar de serem italianos Cadamosto, Colombo e Vespúcio, permaneceria a Itália esquecida? Segundo Vasari, encontrava-se, felizmente, em Veneza, nesse ano, o arquiteto Frei Giovanni Giocondo, que ali foi radicar-se e exercer o seu officio depois de, em oito anos, concluir, em Paris, a construção da ponte de Notre Dame e outras obras. De acôrdo com Vespúcio, foi êle que traduziu a sua carta para o latim. Muito natural, pois, que os interessados numa versão romana recorressem a êsse ilustre vizinho.

Associaram-se, então, em 1507, em Veneza, quatro espíritos cultos para divulgar os magnos feitos que haviam revolucionado a geografia e criado uma nova imagem do globo. Graças a Trevisano, a Giocondo, a Francazano e Montalboddo e a Zorzi ficariam reunidos por ordem cronológica numa única coleção não só as viagens já divulgadas no *Libretto* de Vercellese e no *Mundus Novus* de Sessa como muitos outros. Pela primeira vez appareceria visível a ilação lógica de navegação que muitos ignoravam e que outros conheciam de um modo disperso, apesar de a sua realização corresponder a uma exigência imperativa de continuidade.

Antes de falarmos a respeito do *Paesi*, que foi uma obra de rápida resonância e difusão mundial, devemos consagrar alguma atenção aos relatos de viagem reunidos pelo conhecido erudito veneziano, Alexandre Zorzi, e, particularmente, à sua excelente versão de *Mundus Novus*. A razão disso reside no fato de que esta e o *Paesi* nasceram da mesma fonte; apesar de a sua contemporaneidade ter dado motivo à crença de que o que permaneceu manuscrito não passava de uma mera cópia da mais famosa. Analisar as origens e tentar uma definição de semelhanças e diferenças parece-nos uma medida prévia ao exame isolado do *Paesi*.

São duas as obras de Zorzi. Uma chamava-se *Alberico*, compunha-se de quatro tomos e foi terminada em 1538. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Florença. O seu *Mundus Novus* manuscrito, que aqui oferecemos na forma de autógrafo completo, foi copiado dêsse códice. O exemplar da Biblioteca Comunal foi descoberto e celebrado por Baldelli Boni em 1827 no *Il Milione* de Marco Polo. HARRISSE mencionou-o em 1866 na B. A. V. e G. Ferraro copiou-o e imprimiu-o sob o título: "*Relazione del scoperte fatte da C. Colombo, de A. Vespucci e da altri dal 1492 al 1506*". Êste pequeno manuscrito (28) contém no seu livro oitavo, denominado *Delli An-*

(28). — Biblioteca Comunale, cl. II, 10.

tipodi, a carta de Vespúcio ao Médicis (29). O mesmo material torna a ser encontrado na outra obra de Florença, mas unicamente o do comêço. Por exemplo, o livro VIII: *De las Antipodas* é igual ao anterior, isto é, reitera o *Mundus Novus* de Vespúcio e reproduz os mesmos esboços marginais. Vêem, logo em seguida, muitos outros relatos de viagens, estranhos ao nosso assunto. Comparando os manuscritos de Ferrara e de Florença, não cremos, como Desimoni, que um dêles seja de Zorzi e o outro de Trevisano. Em ambos a caligrafia é de Zorzi, se bem que se perceba no *Alberico* a influência alquebrante da idade. Crimo interessou-se particularmente pelos desenhos, três dos quais foram atribuídos, com razão, cremos (30), por Wisser, a Bartolomeu Colombo. Reproduziu-os em *Schizzi Cartografici inedito dei primi ani della scoperta del America*. Vignaud referiu-se muito de passagem a Zorzi, e parece que não teve conhecimento da existência dos quatro tomos referidos de Florença.

O mais extenso estudo que se fêz até hoje de ambos os manuscritos é o de Almagiá: *Intorno a quattro codici fiorentini e ad uno ferrarese del erudito veneziano Alessandro Zorzi* (31). Acredita que Zorzi manteve contactos pessoais com Trevisano e que recebeu dêle os manuscritos que Vercellese utilizou, depois, para o *Libretto*. Considera o *Paesi* como uma publicação independente. Como muitos outros eruditos, atribui a autoria dêsse livro a Fracanzano de Montalboddo e acredita que êle procede, da mesma forma que o de Zorzi, de *Mundus Novus*, de uma versão ítalo-veneziana.

Para que o leitor possa conhecer a versão inédita da terceira viagem, escrita por Zorzi, e comprovar que ela çoncorda com *Mundus Novus* e, como esta, vai além do conteúdo da carta manuscrita chamada de *Lisboa 1502* ou *Bartolozzi* (31 bis), apresentamos uma reprodução fotográfica no final. Êsse contacto mais íntimo com as fontes servirá para demonstrar, uma vez por tôdas, a superioridade de *Mundus Novus* sob todos os aspectos, hierarquia de conceitos ou volume de informações. Faltam, na carta de Lisboa, as noções novíssimas de continentalidade, habitabilidade dos antípodas, e outras mais, de índole cosmográfica, que contribuíram para o prestígio e difusão conseguida por *Mundus Novus*. Ambas as cartas são de autoria do florentino. Mas a comparação entre elas demonstra claramente que, por algum motivo, Vespúcio mostra-se sucinto e re-

(29). — Graças à presença em Florença, na *Mostra Vespucciana*, do *Mundus Novus* de Zorzi (Ferrara) e da versão contida em *Alberico*, de propriedade da Biblioteca Nacional pudemos confrontar os dois manuscritos. Podemos, assim, certificar que entre êles só existem insignificantes diferenças de forma.

(30). — Publicamô-los em 1948 em *Am. I. b. II.*, como sendo de Bartolomeu Colombo, sem reparar que procediam de Zorzi.

(31). — Revista *Bibliofilia*, XV, Florença, 1936.

(31 bis). — Confira-se *Mundus Novus* e a referida *Carta de Lisboa* de 1502 na obra bem conhecida do ilustre historiador T. O. Marcondes de Sousa: "Amerigho Vespucci", São Paulo, 1949.

servado na carta de Lisboa de 1502 e expansivo na outra. A diferença entre ambas reside no fato de que confiou ao Médicis, em *Mundus Novus* e não na Bartolozzi, a primícia de pensamentos que lhe dava o direito de chamar-se descobridor de verdades cósmicas.

Outro ponto que merece consideração é o seguinte: qual foi o idioma da versão utilizada por Zorzi no seu *Alberico* e no manuscrito de Ferrara e qual foi o modelo que serviu de base para Francanzano de Montalboddo escrever o *Paesi*? A semelhança do conteúdo e a contemporaneidade de ambas as obras criou entre os eruditos uma perplexidade natural, que ainda não foi solucionada por falta de uma evidência decisiva. Vignaud percebeu o problema, mas não dedicou nenhum tempo à sua solução (32). Ainda que “os dois textos” concordem que Giocondo traduziu a carta do “espanhol para a língua romana”, repele essa afirmação baseando-se em que Vespúcio não escrevia em castelhano e as edições latinas atribuem ao arquiteto veronês a tradução originária do italiano para o latim. Termina julgando que Zorzi tinha precedência e que Montalboddo reproduziu depois no *Paesi* o texto daquele, traduzido na edição latina. Almagiá sugere que ambos os trabalhos procedem de uma fonte comum, que seria em

“testo italo-veneto, fonte comune al testo de Ferrara e a quello dei Paesi. E stato forse il Trevisano”.

Não conseguimos compreender por que razão os dois mestres afastam-se de três declarações emitidas por Zorzi e Montalboddo a respeito do ponto em causa. O primeiro escreveu no último parágrafo da sua versão:

“De spagnola in lengua romana el Iocondo interprete questa epistola haveva traducta”.

O que está de acôrdo com Montalboddo que declarou num parágrafo semelhante:

“De spanola in lengua romana el Iocondo interprete questa epistola ha traducto...”.

Além disso, assim começa o *Paesi*:

“El Novo Mundo de Lengue spagnole interpretato in idioma Ro. Libro Quinto”.

E’ muito provável que Vignaud e Almagiá, no momento em que punham de lado essas declarações, não se recordassem de que Giocondo estava em Veneza, com Trevisano, Montalboddo e Zorzi e que Trevisano não poderia ter trazido da Espanha uma versão castelhana do original italiano de Vespúcio.

(32). — *Op. cit.*, pág. 18.

Como não haveriam Espanha e Portugal de favorecer a circulação de notícias dos seus grandes descobrimentos, motivo de orgulho nacional! Os dois reis, e as Casas de Sevilha e Lisboa, sabiam muito bem vigiar os espiões, proibir a evasão de documentos marítimos e confiscar os cadernos de bitácora e os esboços trazidos a bordo. Com a “ley del embudo só seria difundido o que êles desejassem, pelo menos dentro do próprio país. Mas, vimos através da atitude de D. Manuel em Roma e na Alemanha que, no exterior, o sigilo tinha os seus limites. Em 1493, depois da reconquista de Granada e do regresso vitorioso de Colombo, aparece o *In laudem Serenissimi Ferdinandi Hispanias Regis Bethicae & Regni Granate Obsidio victoria & triumphus Et de insulis in mari Indico*. E isso foi com o consentimento de D. Fernando, que parece ter posado, com os seus escudos, para a ilustração da capa. As edições alemãs de *Mundus Novus* apresentam uma ilustração muito semelhante de D. Manuel. O mais plausível é admitir que os opúsculos mais antigos e valiosos de Espanha e Portugal desapareceram com o tempo. Algumas observações de Henry Stevens vêm em apóio dessa tese. Nas suas *Historical and geographical Notes* (33) informa que um notário alemão, radicado em Lisboa com o nome de Valentim Fernandes, imprimiu e editou nessa cidade, em 1502, uma coleção de relatos de viagens de Marco Polo, Nicolo Conti, Santo Stephano etc. Pretendia despertar no povo um interêsse maior pelas navegações com destino à Índia. O livro também se refere a Colombo, aos Cabotos e ao desejado regresso de Côrte Real da sua segunda viagem. Stevens descreve-o com um magnífico in-fólio; não indica o seu título e calcula que se trata da primeira miscelânea do Renascimento. Acrescenta que foi traduzido para o castelhano e publicado em 1503, em Sevilha. Se não existe algum êrro de interpretação, esta miscelânea foi efetivamente a primeira. Procuramos na antiga bibliografia portuguesa e espanhola e nos tratados modernos qualquer referência a tais códices, mas não fomos felizes. No entanto, Valentim Fernandes é bem conhecido. Fontoura da Costa menciona em *A marinharia dos descobrimentos* (34) o seu *Repertório dos tempos* e também um *Roteiro* famoso, mas não cita a coleção de viagens. Não obstante, repete um testemunho do P. Kunstmann, de 1860, em que êste geógrafo traz para comparação uma ata notorial de Fernandes, de 1503, atestando a remessa de um jacaré a Bruges por um membro da tripulação de Coelho-Vespúcio, ao regressar da grande viagem austral. Segundo Kunstmann, êsse documento encontra-se na Biblioteca Nacional de Stuttgart. Começa com a descrição da viagem de Cabral (1500) e continua assim:

(33). — Newhaven, 1870, pág 31.

(34). — Lisboa, 1939.

“Depois de dois anos, outra esquadra armada pelo mesmo Cristianíssimo Rei (Portugal), destinada a êsse fim, havendo seguido o litoral dessa terra quase 700 léguas, encontrou nesses povos uma só língua, batizou muitos e, avançando para o sul, chegou a 53 graus do polo antártico e, tendo encontrado grandes rios, voltou à pátria”.

Termina a ata dizendo que êsses dados foram fornecidos pelos capitães e pilotos dos barcos da referida expedição. Êsses pormenores corroboram, em relação ao essencial, o itinerário da viagem de Coelho-Vespúcio e evidenciam que Fernandes dispunha de informações de boa fonte. Encontramos também no *Catálogo Bibliográfico da Agência Geral das Colônias*, publicado em Lisboa em 1943, uma referência a Valentim Fernandes que o considera como admirador dos descobrimentos marítimos dos portugueses e como colecionador de várias relações que pertencem

“ao seu admirável Ms. que pertenceu a Conrado Peutingger de Augsburgo, e acha-se hoje na Biblioteca do Estado de Munique. Está sendo publicado pela Academia Portuguesa de História”.

Nós nos temos estendido nestes pontos de interesse geral porque não podemos admitir que a península ibérica permanecesse indiferente à gesta heróica que iam desenrolando debaixo dos seus olhos, em mares e terras longínquas, os seus próprios irmãos. Tanto em Burgos como em Valladolid e Sevilha, no Pôrto como em Lisboa e Coimbra exigiram-se notícias e os Reis e os seus Ministros concederam-nas na medida pertinente. Não seria, assim, estranho que Trevisano, depois de passar tantos anos na Espanha, possuísse uma cópia fidedigna nessa língua, apesar de não conhecermos, “atualmente”, impressos ou manuscritos castelhanos de *Mundus Novus*. As três afirmações de Montalboddo e de Zorzi de que o texto da carta de Vespúcio derivava de uma tradução do espanhol feita por Giocondo são aceitáveis e parecem inconsistentes as fracas alegações em contrário, com que Vignaud justifica não levá-las em consideração.

A versão italiana entregue a Zorzi e a Montalboddo não poderia deixar de ser “uma só”, mas êles alteraram-na em detalhes, por serem distintos os fins que buscavam. O primeiro ampliava, assim, a coleção de viagens iniciada com as primeiras do *Libreto*; o segundo pretendia realizar uma obra de grande divulgação destinada à classe culta da Itália. Zorzi modificou algumas frases e palavras ao transladá-las para o seu livro. Montalboddo procedeu em forma periodística, introduzindo na sua versão de *Mundus Novus* uma série de sub-títulos destinados a esclarecer o leitor, mas

estranhos ao texto como pode ser verificado consultando as edições latinas e alemãs da carta. A versão espanhola trazida por Trevi-sano teria de ser fidedigna; salvo pequenos detalhes está de acôr-do com a tradução latina feita em 1503, em Paris, pelo mesmo Gio-condo. O fundo é idêntico e as diferenças mínimas. Desejamos deixar claro êste ponto, até agora desatendido, antes de tratarmos das edições do *Paesi*.

Não nos separaremos de Zorzi sem nos referirmos a três dese-nhos acrescentados ao seu texto de *Mundus Novus*, por se tratar de notáveis corroborações gráficas de idéias expressas, ou de fatos vividos, por Vespúcio. Veja o leitor os esboços das páginas 6 e 8 do manuscrito de Zorzi. Almagiá já observara: relembram mapas do tipo de Cantino e Canério. E, de que modo não haveria de ser assim, uma vez que o planisfério enviado pelo embaixador Cantino a Ercole d'Este estava precisamente em Ferrara, a dois passos de Veneza. Zorzi fêz os seus desenhos tendo-o como modêlo, no Pa-lácio do Duque ou em Mântua. E por isso é que a linha da costa não é correta, retilínea como a de Cantino, em vez de inclinada para SSO, como Hamy, Pesaro, Maiollo e Kunstmann II. Mas, pon-do de lado essa imperfeição, a interpretação gráfica da viagem de 1501-1502 confirma o texto de Vespúcio que afirma que navegaram até, mais ou menos, 50° Sul. Como ocorre com certos mapas, convém invertê-los para entendê-los. Na página 6 nota-se à di-reita uma porção de costa marcada *África*. De um ponto situado ao sul, chamado *ponta Cabo Verde*, sai uma linha oblíqua sôbre a qual se lê *Leg. 700*. Ela encontra-se com outra, que representa a costa norte do Brasil. Prossegue por cêrca de 300 léguas e forma ângulo com a costa atlântica, em que está indicado pelo desenhista: *leg. 600*. Abaixo do referido ângulo lemos *mondo novo*. Ad-mitindo que o leitor possa não entender a correspondência entre êste mapa em miniatura e o itinerário, coloca-o o autor frente ao trecho do texto em que o florentino explica que a distância da África, ou seja, do Cabo Verde, ao novo continente era de 700 léguas. Marca, igualmente, as 300 léguas que Vespúcio acredita ter percorrido pela costa norte, e no litoral dirigido para o meio-dia registra 600 léguas. Todavia, Zorzi não crê que essa ilustração se-ja suficiente. Quer indicar também até que latitude chegou a ex-pedição e como se encontra situada essa grande terra austral, cujo limite não foi encontrado. Com êsse propósito constrói o seu es-bôço da página 8. Ali se vê um pedaço da península hispânica com os nomes Lisboa e Cádiz. E, quando, no texto, Vespúcio alude aos corpos celestes que tanto admira, marca Zorzi na margem: 8 *Stelle* e *Tre canopi*. Mais abaixo, onde o florentino explica que, depois de cruzar *el tropico dil Capricornio, trovassimo il polo antarctico ele-*

vato de lo horizonte: 50 *gradi* estando, então, a uns 17 1/2 *grados del circulo antarctico*, interpreta Zorzi essas palavras no seu gráfico e, assim, vemos, em um ponto, os 8 *gr.* em que êle calculava o comêço do continente orientado para SSO. Na linha da costa, que representa também o caminho percorrido pelas caravelas, marca *Mundus Novus* e, no final, *distantia de la equinoccial 50 gr.* Em baixo, lemos, em seguida: *polo antarcticus*. Êstes dois simples desenhos de 1507 são de extraordinário interêsse porque representam a única evocação gráfica contemporânea do itinerário de Vespúcio. Os mapas que derivam dêste famoso périplo de 1501-1502 costumam indicar as costas descobertas e os nomes de acidentes geográficos batizados pelos navegantes, mas nenhum dêles associa às linhas o texto, do mesmo modo que nenhum texto agregou ao escrito o gráfico. Esta realização de Zorzi fixa a posição das novas terras e revela em que viagem e por qual navegador foram descobertas. E' um testemunho a mais, grave e concordante, de que as caravelas de Vespúcio navegaram (como êle o diz em *Mundus Novus* e na carta de Lisboa de 1502) a pouca distância da costa, e por *Lebeche (SSO) até a proximidade de 50° austrais*. Além disso, êsse testemunho tem um valor particular quando se pensa que por detrás de Zorzi estava Trevisano, perito em viagens de Espanha e Portugal. Se Vespúcio tivesse, aos 32°, se afastado da costa, o veneziano tê-lo-ia sabido através dos próprios tripulantes com que privava. Conseqüentemente, a edição latina de Sessa, de 1504, o *Paesi* de 1507 e os manuscritos de Zorzi e os seus desenhos não teriam coincidido na afirmação de um rumo costeiro único até 50° S.

A fonte de informação de Trevisano não consistia apenas em Vespúcio; êle dispunha de muitas outras, confirmadas por anos de residência na Espanha e em Portugal. A preocupação exclusiva de Trevisano e de Zorzi era dizer a verdade. Não tinham nenhum interêsse em omitir ou alterar. O Rio Cananor, último acidente batizado pelos navegantes na Patagônia, entre 46 e 47 graus, tão pouco havia sido registrado por Canério, Kunstmann II, Maiollo e Waldseemüller. Não é possível voltar, aqui, ao discutido problema da latitude máxima, atingida em terra ou no mar, mas, tanto pelo que foi declarado por contemporâneos de Vespúcio, como Crético, Pasqualigo, Affaitadi, Pisani, Rondinelli, Valentim Ferdinand e Empoli nas suas cartas ou em outros testemunhos, desde Lisboa e Burgos, como pelo que repetiram depois Ruysch, Magalhães e Lopez de Gomara (35), não resta dúvida de que pouco faltou para

(35). — Ruysch, no Ptolomeu de Beneventano, de 1508, repete Cananor e, além disso, afirma numa legenda que os portugueses haviam alcançado os 50 graus de latitude austral. Magalhães, quando da sua luta com tripulantes desejosos de interromper a viagem e voltar a Espanha, recordou-lhes que, até então, nada

que a expedição portugêsa orientada por Vespúcio descobrisse o estreito.

V. UM TEMA DE INTERESSE COSMOGRÁFICO E A SUA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA.

Zorzi não se limitou a aclarar a posição das terras, o itinerário da viagem e o ponto extremo alcançado; abordou também um dos aspectos científicos tocados por Vespúcio, que confirma, e cujo sentido esclarece com um seu terceiro desenho. Vespúcio dá a seguinte explicação a respeito da posição dos habitantes do novo continente em relação aos de Lisboa:

*“Manifesta cosa è adonque nui haver navigato la quarta parte del mondo et per questa rasone nui i quali habitamo Leusippo circa alla linea equinocciale gradi 39 e mezzo in la latitudine septentrionale semo a quelli i quali gradi 50 habitano oltra quella modesima linea in la meridiale longheza angularmente gradi 5 in la linea, trasversale et a cio che più chiaramente intendi: la perpendiculare linea la quale de mentre che nui Stemo recti dallo emimente ponto del cielo al vertice nostro depende in el capo nostro, aquelli depende in lato et in elle coste per la qual cosa se fa che nui siamo in la linea recta ma essi in la linea trasversale et la forma se faze de uno triangolo orthogono de la quale linea nui tenemo la perpendicolar congiunta con l'angulo recto et quelli l'altra linea che è base congiunta a ditto angulo et la hipotenizia alla nostra et alla loro se distende tocando la cime delle ditte due linee come per a figura qui soto scripta apare et queste cose della cosmographia dicte per hora sono dicte a sufficiencia” (36) (**).*

A nossa tradução (***) é a seguinte:

“es pues cosa manifiesta, haber navegado nosotros la cuarta parte del mundo. Y por esta razon nosotros, los

haviam feito, que Vespúcio tinha alcançado aquelas paragens e que êle não regressaria sem ter conseguido ir mais adiante e alcançado o fim proposto. Como já dissemos na nota 3, Lopez de Gomara na sua *Historia* relata detalhadamente o episódio. Cap. 92.

(36). — Confirma-se, mais adiante, o texto do *Paesi*.

(**). — A nossa tradução diretamente do texto italiano seria: “E’, pois, evidente que percorremos a quarta parte do mundo. E, por essa razão nós que habitamos Lisboa, distante cerca de 39 graus e meio da Linha do Equador, em relação aos que habitam a latitude de 50 graus sul, estamos situados numa oblíqua que forma um ângulo de, aproximadamente, 5 graus com a perpendicular ao Equador. Para que entendas mais claramente: quando estamos erectos, a perpendicular baixada do nosso zenite sobre a linha do horizonte cai nas nossas cabeças, mas aquêles essa perpendicular cai nas costas ou na ilharga. Isso significa que nós estamos numa perpendicular e êles numa oblíqua. Seria como se nós ocupássemos o cateto perpendicular de um triângulo retângulo e êles, o cateto base, a hipotenusa sendo representada pelo segmento da reta que ligasse os nossos zenites. Tudo de acordo com a figura que aparece abaixo. E, por agora, a respeito da cosmografia, é suficiente dizer essas coisas” (*Nota do tradutor*).

(***). — A do autor, conforme o original castelhano (*Nota do tradutor*).

que habitamos em Lisboa cerca de la linea equinoccial 39 grados y medio de latitud septentrional, estamos encima de aquellos que habitan a los 50 grados de latitud meridional, mas allá de la misma linea, angularmente en el quinto grado en la linea transversal; y para que esto mas claramente entiendas, la linea perpendicular que mientras nosotros estamos derechos nuestro vértice esta suspendido sobre nuestra cabeza desde el más alto punto del cielo, a aquellos cae de lado, y aun en los costados, de lo cual resulta que nosotros estamos en la linea recta y ellos en la transversal, formando un triángulo ortogonal, del cual nosotros estamos en la perpendicular (que forma el ángulo recto; y ellos en la otra linea que forma la base de dicho ángulo, y la hipotenusa hacia ellos y hacia nosotros tiende los vértices) como por la figura resultara evidente. Y dichas estas cosas de la cosmografia, son mas que suficientes" (****).

Devemos confessar que não demos suficiente atenção a êsse trecho de *Mundus Novus*, nem na *América la bien llamada*, nem no *Nuevo Mundo*. Só depois de publicados êsses livros é que percebemos que a explicação especial de Vespúcio ao Médicis, da mesma forma que o triângulo com as suas observações, constituíam uma importante ratificação das cartas em que asseverava haver atingido a latitude 50° sul, *navegando ao largo da costa*. Essa corroboração merece um destaque especial.

Para sintetizar êsse pensamento, Vespúcio ofereceu em *Mundus Novus*, desde a primeira edição latina, o desenho de um triângulo retângulo isósceles, desenho êsse que, depois, foi reproduzido por editôres e tradutores em quase tôdas as suas impressões.

A interpretação dêsse gráfico é, lógicamente, a que o florentino dá no seu próprio texto. *Vertex capitis nostri* indica o lugar em Vespúcio se situa ao escrever a sua carta: Lisboa, 39° e 30°; *Nos* é a vertical que vai de Lisboa ao centro da terra, *illi* indica, em 50° S, a vertical ou o *raio terrestre* do lugar em que vive aquela gente nova; a hipotenusa une o zenite de Lisboa ao zenite *dessa gente*, em 50° S; e *Vertex capitis illorum* é o ponto que recai sôbre a cabeça ou as costas dêles, ou seja, *dessa gente*.

Vespúcio transmitiu apenas notícias essenciais das suas viagens e ao fazê-lo, com *Mundus Novus* ao seu antigo chefe, destacou a importância sem precedentes das novidades cosmográficas transmitidas. O detalhe referente ao ponto extremo alcançado tinha um grande interêsse científico para êle. Ao coincidir êsse ponto com os antípodas e sendo elas habitadas, a sua descoberta constituia um triun-

(****). — Não existe em português uma expressão que lhe corresponda plenamente. Poder-se-ia traduzir por "lei de dois pesos e de duas medidas". Em espanhol, a expressão é usada para significar as leis injustas, que não se aplicam igualmente a todos (*Nota do tradutor*).

fo sôbre a idéia secular, sustentada desde Ptolomeu, que afirmava que os antípodas não eram habitáveis. Vem daí a sua idéia de oferecer ao Médicis uma *Summa* gráfica que mostrasse a posição ocupada no globo por êsses antípodas e pelos seus habitantes, em relação à Lisboa. Com essa finalidade é que êle desenhou o triângulo.

Representa o eixo do mundo por meio de uma reta que vai do Polo Norte ao centro da terra. Como podemos ver no de Zorzi, melhor do que em qualquer outro gráfico, êle calcula, baseado nesse eixo, um ângulo de 40 graus, dirigido para N. O. até a superfície da terra. Aí está Lisboa na sua posição astronômica. Tomando como vértice o centro da terra, marca outro ângulo, agora de 50 graus, contíguo ao primeiro e dirigido para S. S. O., com o qual marca a posição das terras e das gentes dos antípodas. Êsses dois ângulos somam 90 graus, ou seja, formam um ângulo reto e representam, com efeito, a quarta parte percorrida da circunferência da terra. Essa é a primeira parte da demonstração. Para conseguir tudo o que pretendia, Vespúcio acrescenta ao ângulo formado a hipotenusa que parte do zenite de Lisboa e termina em 50 graus, atingindo obliquamente o zenite da nova gente descoberta. Essa é a explicação verbal do florentino, clara e sucinta e êsse é o sentido do triângulo retângulo que a representa! Nesta elucidação cosmográfica trata-se exclusivamente de terra, e de terra habitada. Se assim não fôsse, teria permanecido de pé, sem ser vencida, a teoria dos antigos.

Esta talentosa comprovação de Vespúcio, agregada ao seu conceito de continentalidade do litoral, bordejado desde o Cabo Santo Agostinho até algumas léguas além de Cananor, dava ao conjunto das suas revelações uma transcendência enorme, que foi imediatamente percebida pelos cosmógrafos. Essa é a razão do mapa de Waldseemüller e do nome *América*, resultante do entusiasmo dos sábios pelas notícias revolucionárias de *Mundus Novus*.

Sessa, na segunda edição latina, reproduz de novo o triângulo, mas alterando ligeiramente o texto. Em vez de *Vertex capitis nostri* e *Vertex capitis illorum*, escreve *zenite nostri* e *zenit illor*, denominações essas que foram mantidas nas demais edições (37).

Johann Doesborg, autor da edição holandesa, quis representar gráficamente a idéia de Vespúcio, o que fêz desenhando ao seu modo, na capa da sua obra, figuras humanas, como pode-se verificar consultando a ilustração correspondente.

Montalbodo, na primeira edição do *Paesi* não invocou, limitando-se a tomar como modêlo o desenho de Sessa.

(37). — Segunda edição latina, Veneza, 1504. Museu Britânico.

(38). — Edição *princeps* em exemplar único. Biblioteca John Carter Brown.

Zorzi, no seu *Alberico*, da mesma forma que no manuscrito de *Ferrara*, repete Sessa, mas acrescenta operações demonstrativas de que o gráfico representa a posição dos habitantes de Lisboa na latitude 39° e 30' N e a posição dos habitantes dos descobertos na latitude de 50° S. (Vide ilustração). Reproduz, sem modificações, o texto vespuciano. Além disso, para que não pare dúvida alguma, acrescenta *Olisippo* (Lisboa) na junção do cateto setentrional com a superfície da terra e *novo mundo* no ponto em que termina o cateto meridional. Esse esclarecimento suplementar vem a calhar para confirmar que se trata *da gente do novo mundo* na latitude 50' S.

O professor Almagiá, ao referir-se ao gráfico de Zorzi, que é o mais conclusivo de todos, assim se expressa no seu artigo:

“il testo a stampa dei *Paesi* ha la figura di un triangolo rettangolo intesa a mostrare la posizione dei paesi scoperti da Vespucci rispetto ai nostri (zenit illorum e zenit nostrum). Nel manoscritto di Ferrara (Zorzi), si ritrova pure, delineata a penna questo triangolo, ma per maggior chiarezza, si aggiunge un' altra figure nella quale lo stesso triangolo e inscritto in una circonferenza, donde mostrare la situazione del novo mundo, rispetto a Lisbona, ai poli, et all'Equatore” (39).

Simultaneamente, ao interpretar o gráfico, o eminente geógrafo e cartógrafo revela a sua fé na altura austral atingida por Vespúcio nos antípodas.

Uns 50 anos depois de Zorzi, Ramúsio, na sua própria coleção de viagens, precisa a idéia. Confirma com duas figuras humanas o conceito originário de Vespúcio, o mesmo que Doesborg, Zorzi, Ramúsio, Almagiá e o presente trabalho reconhecem. (Vide ilustrações no final).

Por tudo o que foi dito a respeito das versões de Montalboddo e Zorzi, é evidente que elas são semelhantes sem, entretanto, depender uma da outra. A que aqui se publica em fac-símile é do *Alberico* de Florença. A de Montalboddo foi publicada em 1507, logo após ser composta, enfeixada no conjunto de viagens do *Paesi* e conheceu 16 edições, em vários idiomas, em 20 anos.

Nós nos temos estendido no comentário da contribuição de Zorzi à história da terceira viagem para destacar o quanto se deve a êle por haver corroborado com os seus três gráficos pessoais o itinerário de 1501-1502 e confirmando com êsses testemunhos a veracidade do texto de *Mundus Novus*, relativo à latitude austral atingida por Vespúcio ao largo da costa da Patagônia. Isso é apenas uma pequena parte das importantes novidades contidas nos 4

(39). — Confira-se a sua monografia, pág. 27.

tomos de *Alberico*. É verdade que, em Veneza, contou com a vasta e segura experiência de Trevisano, conhecedor de viagens, para assessorá-lo e com a ajuda de Frei Giovanni Giocondo para a interpretação dos textos. Esta é a maior garantia da sua qualidade.

VI. MUNDUS NOVUS NO PAESI NOVAMENTE RETROVATI.

Como já dissemos, a primeira coleção de viagens conhecida foi o *Libretto* de Vercellese. E merece que se assinala um progresso, concordante com o que se observa nos conhecimentos geográficos depois de *Mundus Novus*. A obra mencionada data de 1504 e leva o título de *Libretto de tutta navigatione de Re de Spagna de le isole et terreni novamente trovati*. Em 1507, Montalboddo já não se refere a *ilhas e terras* mas a *paesi*. O conceito, de continentalidade enunciado pelo florentino, pela primeira vez, e exclusivamente, em *Mundus Novus*, foi admitido e triunfou. As viagens descritas na nova coleção mostram os progressos de ambas as corôas nas duas Índias. Depois dos périplos de Colombo, Pinzon, Vasco da Gama, Ojeda, Vespúcio e Cabral, aparecem as primeiras descrições dos descobrimentos em Juan de la Cosa e em Reinel, e o conceito de Colombo nos esboços de Bartolomé, conhecidos graças a Zorzi. É o equivalente do *Libretto*. Mas, depois das novas explorações de Colombo, Coelho-Vespúcio, surgem Pesaró, Hamy, Cantino, Kunstmann II, Cavério, Mñiollo, Rosello, Contarini-Roselli, Waldseemüller, Egerton mas a Ruysch. E não passamos de 1508. É o equivalente do *Paesi* que divulga as notícias das navegações, capazes de dar ao leitor uma visão de povos e mares novos, e de completar, assim, as noções truncadas, legadas, há séculos, por Ptolomeu.

O título dado por Montalboddo à sua miscelânea foi: *Paesi novamente retrovati et Novo Mondo de Alberico Vespucio fiorentino intitolato*, ou seja, "Países novamente descobertos e o *Mundo Novo* assim intitulado pelo florentino Alberico Vespúcio". As 25 edições publicadas da carta isolada, que apareceram entre 1503 e 1508 em latim, alemão e holandês, não foram suficientes para saciar a curiosidade mundial. Esta nova coleção, destinada a divulgar na Itália o conhecimento das navegações de ultramar e dos navegantes mais célebres teve grande êxito, como se pode deduzir das 16 edições do *Paesi*, que apareceram entre 1507 a 1528. O facto de *Mundus Novus* ter sido incluído nessa miscelânea quatro anos depois do seu primeiro aparecimento, ratifica a confiança geral na sua veracidade. As diferenças perceptíveis existentes entre a primeira edição do *Paesi*, de 1503, em Paris e em latim, e a de 1507, em italiano são poucas. Não fôssem os títulos de capítulos

Alberic⁹ vespucci⁹ laurētio

petri franciscide medicis Salutem plurimā dicit

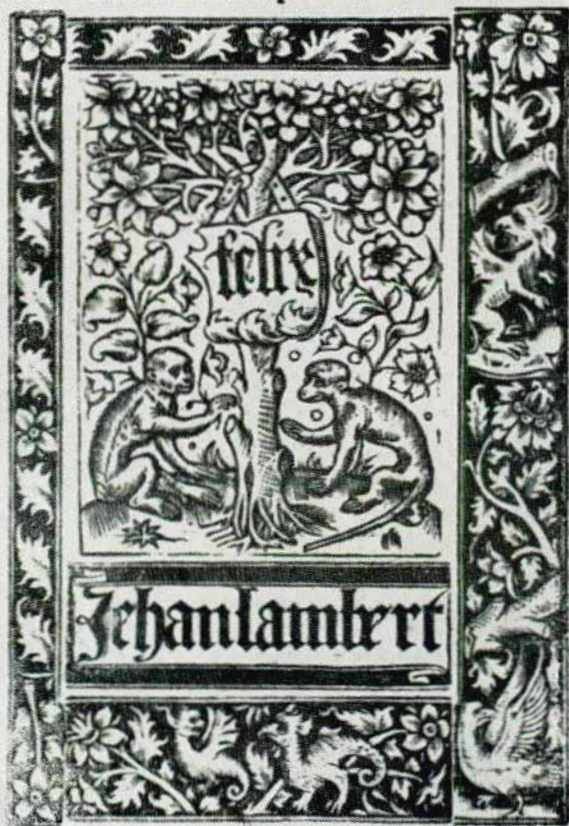


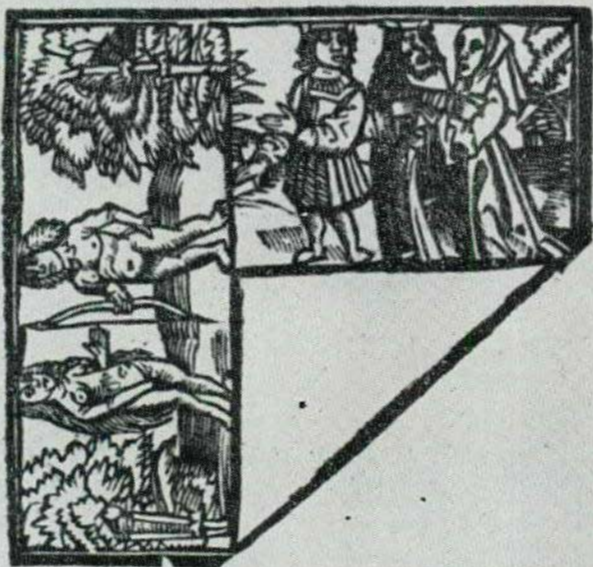
Fig. 1. — Primeira edição de *Mundus Novus*. 1503 (em latim).

Von der new gefunden Region die wol
ein welt genant mag werden. Durch den Cristlichen Kö-
nig von Portugall wunderbarlich er funden.



Fig. 2. — Primeira edição alemã de *Mundus Novus*. (1505).

**Van der nieuwer werelt oft landtschap
 nieuwelix gheuodē vādē dooeluch
 tighē coñ. vā Portugal door dē
 alder bestē pploet ofte ;ee kender dē werelt**



**Hoe noyt meester oft astronim? bescreuē heeft dat
 daer een lāde was bewoēt vā mēschē ofte beesten.**

In dē goede viērt In voorleedē daghē heb ic
 Albertus v gescreuē vā mij wedercōst als vā
 dē nieuwē lādtschappē die wy met groter cost en sou
 ghē en door dat gebodt des ald doozluchrichstē coñs
 Coñ. vā Portugal heb bē gesocht en geuondē Welc
 lād met recht men noemē mach die nieuwe werelt
Dā welchē lande ons ouders oft meesters n; en

Fig. 3. — Primeira edição holandesa de *Mundus Novus* (1508).

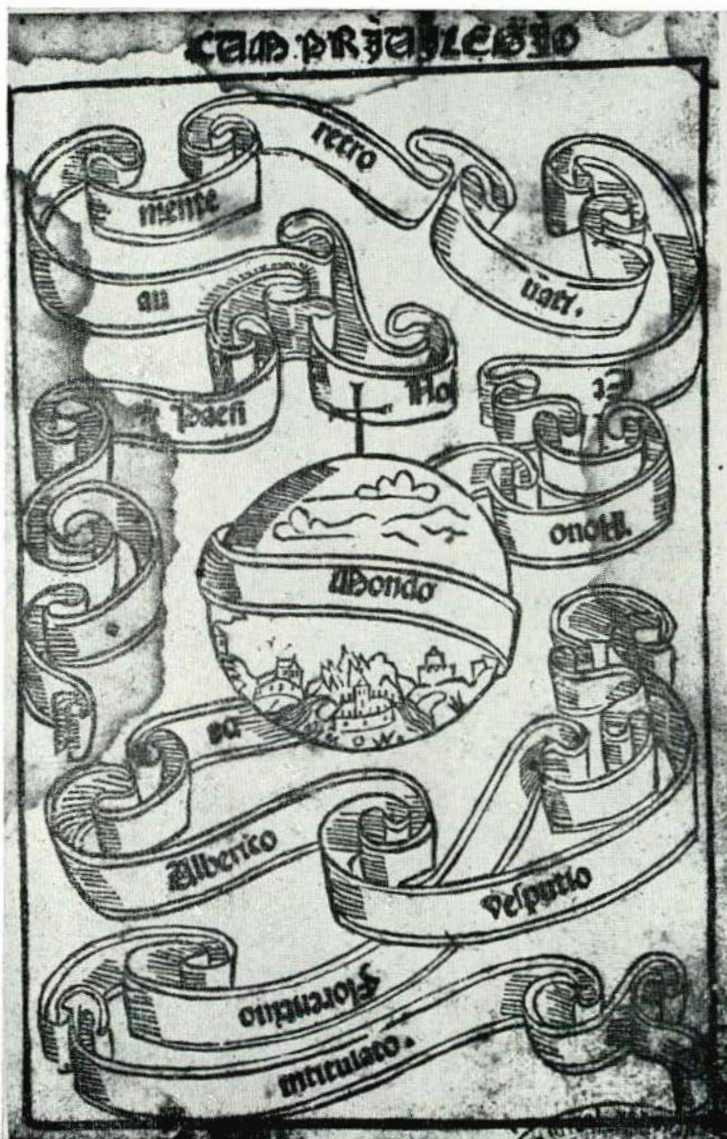
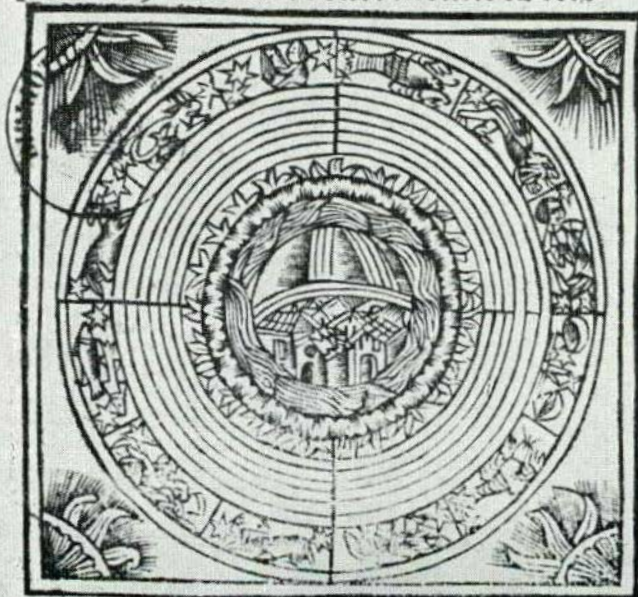


Fig 4. — Primeira edição do *Paesi novamente retrovati* que inclui *Mundus Novus*, 1507 (em italiano).



Ensuyt le nou- ueau mōde et na- uigations : fai-

ctes par Emeric de vespuce Florentin/ Des
pays et isles nouuellemēt trouuez/ au puaāt
a nous icōgneuz/ Cāt en lethiope q̄ arrabie
Calichut et aultres plusieurs regions estrā-
ges Crāsslate de Italien en Lāgue frāçoysle
par mathurin du redouer licencie es loix



On les bent a Paris en la rue neufue nostre
dame a lenseigne de Lescu de France

ce l'hor subordinaire Paris & Brou

Fig. 6. — Primeira edição do *Paesi* em francês (1510).

De ora antarctica
per regem Portugallie
pridem inuenta.



Fig. 7. — Sexta edição latina de *Mundus Novus*, que contém alguns acréscimos importantes (1505).

M. Ringmannus Philolus. M.
Jacobo Bruno suo Sebati. S. p. d.

Cecinit in Eneide Virgilius noster extra sidera iacere tellurem extra
anni solisque vias: vbi celsus atlas arcem ducero torquet stellis ardentibus
aptum. Quam rem si quis forte miratus fuit daerenus: desinet ecri-
re identidem facere. vbi legerat artentius que Sibericus vespertinus ma-
gni vir ingenij nec minoris experientie de populo Austrum versus
sub Antarcticis quasi polo degente piumus non falso prodidit. Sen-
tem esse ait (vt et ipso intelliges) nudam profusum: et que huius hostium
eruadatorum. no solam (vt Carmani Indie ipse) capita regi offeri. sed
ipso quidem interfectis inimicis cupidissime solet vesci. Libelli ipsius
Albertici casu nobis per obtatum pectegimus in transcurso. et singula
serme ad Ptolomeum (cuius tabulas vt nosti non versamus nunc
indulgenter) comparauim⁹. Subindeq; de inuenta nuper illa orbis
ora bene quidem. sed no minus cosmographicum lusimus poematu-
lum q; poeticum. Id tibi mi Jacobe tanq; alteri Ego mitimus
legendum vna cum libello: vt me tui non esse inmemore cognoscas.
Vale cursum Argentine et scolis nris kal. Augusti Anno M. d. v.

Fig. 8. — Epistola de Ringmann, acrescentada por ele à sexta edição latina de *Mundus Novus* (1505).

De terra sub cardine Antartico per regem Portugallie
dem inuenta. D. Ringmanni Pbilicij Carmen.

Rura papyrifera qua seruat pinguis Cirrus
Et faciunt Lunc stagna profunda nitens
Ad dextram montes sunt. Ius Danubio quoq; Balchij
Illorum Ethiopes inferiora tenent
Ipbica consurgat quibus e regionibus aura
Et flans cum Lybico feruida regna notabo
Et alia populo Bulturnus parte calenti
Indica veloci per freta calle venit
Subiacet hic aequo nectis Laprobana circo
Bassaq; Praefodo cernitur ipsa salo
Ethiopes extra terra est Bassamq; marinam
Non nota e tabulis o ptoleme tuis
Comigeri Zentib; cui fertur tropicus birci
Ducit mille comes est ciaculatoz aque
De procul Antartico tellus sub cardine quedam est
Tellus quam recole nuda caetera virum
Hanc / quem clara tenet nunc Portugallia regem;
Inuenit missa per vada classe maris
Et quid plura situm gentis moresq; reperte
Ille hic perpama mole libellus habet
Candide sincero capias hunc pectore lectos
Et lege non naso Rhinocerotis; Buc; 3

Fig. 9. — Poema acrescentado por Ringmann à sexta edição latina de *Mundus Novus* (1505).

Et ego Johānes michaēlis cilius

Hibergensis diocesis: publicus sacra aucte Eplica notari^o: pñs: et pso/
naliter sui Rhome in palacio scriissimi dñi nostri Julij pape. q̄. in offi/
stano publico: Dum et q̄i oratoris regis Portugallie fecerim p̄fisa/
to sanctissimo dño Julio obedientia. et inter cetera. de et sup ista terz/
ra. vt p̄mittit. nouiter inuenta: quod p̄nti meo cyroq̄bo p̄fessor.

Impressum Argentine per Darchiam bupfuff. D. v. v.

Fig. 10. — Certidão do notário apostólico Padre João Miguel, acrescentada à sexta edição latina de *Mundus Novus* (1505).

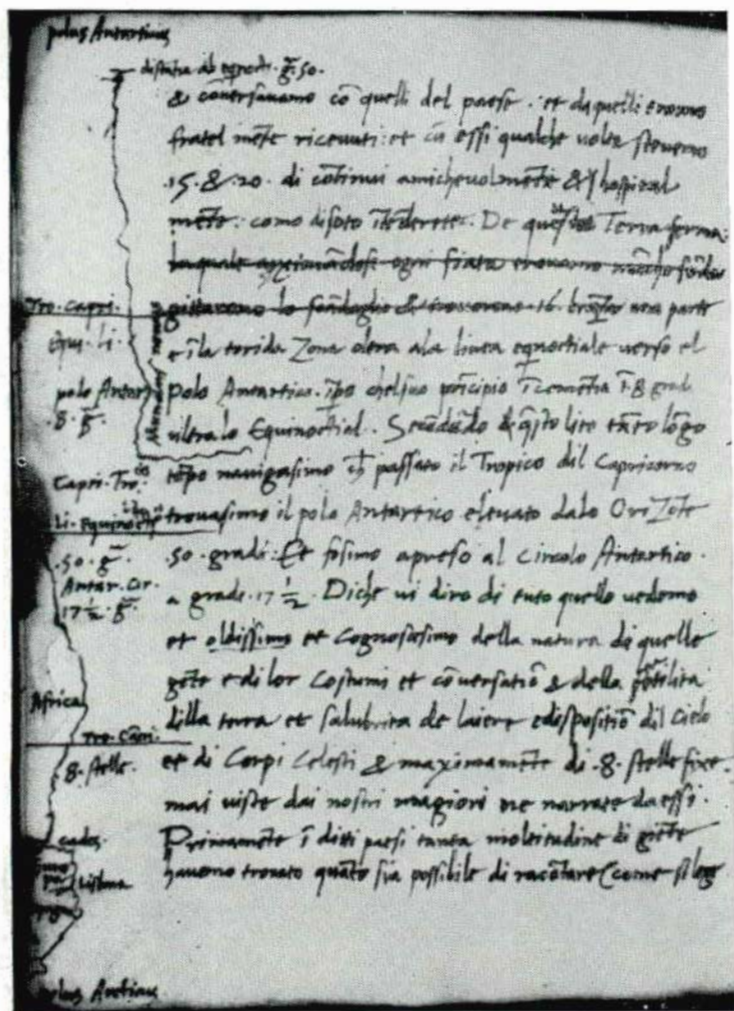


Fig 12. — Ilustração marginal da página 8 da tradução de Mundus Novus por Alexandre Zorzi, na qual éle indica a extensão da terra alcançada.

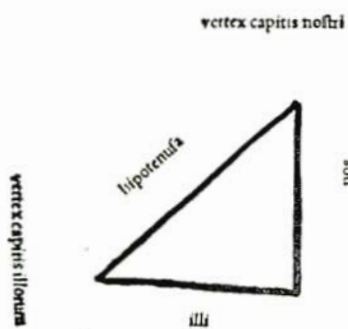


Fig. 13. — O triângulo na primeira edição de *Mundus Novus*, 1503 (em latim).

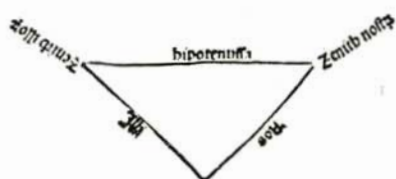


Fig. 14. — O triângulo na sexta edição latina (1505).



Fig. 15. — O triângulo na primeira edição holandesa de *Mundus Novus* (1508).

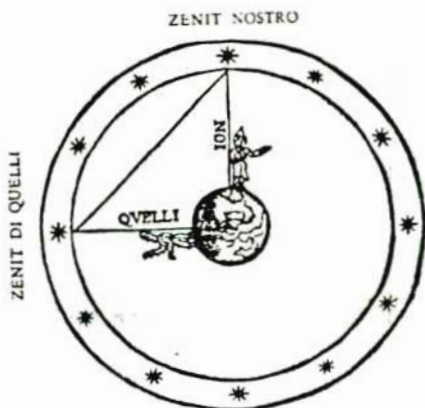


Fig. 16. — O triângulo da edição do *Paesi* por Ramúcio (1550).

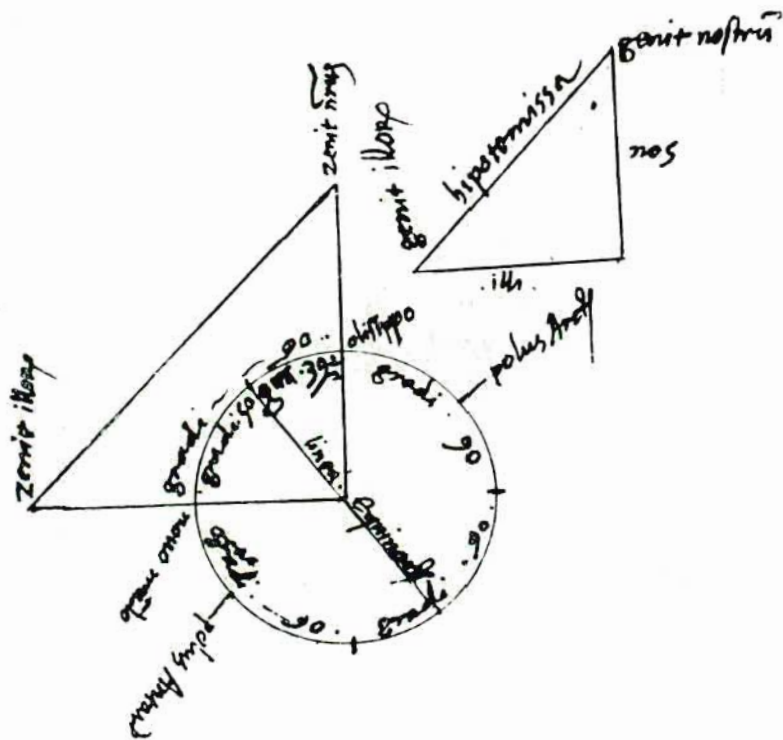


Fig. 17. — Gráfico do triângulo, com acréscimos, in *Alberico de Alexandre Zorzi* (1507).

264

Capo di .8. Giorni fu fece buona et l'acqua
 et era sinavita torio / Cā. 12. giorni / Et
 con quella et l'altra che fero salvata forte
 furono velle essendo venuto a Capa sua ad
 Vltimo Settembre sono venuti molti altri che
 sono nauogati per meglio di ma tutti perche
 paria y la costa della terra paria che hanno
 parati Chasca fipala meglio de quella
 de vicinios.

LIBRO OCTAVO DELL'ANTIPODI.
 Alberico Vespucci a Lorenzo di Piero di Medici

A li passati giorni assai amplamente scriffii
 della mia ritornata di quelle noue pacifi
 iquali co l'armata et co l'espere & comandata
 di questo Sereniss. Re de porto gallo hanno

Fig. 18. — Alberico de Alexandre Zorzi, Cap. VIII, *Delli Antipodi*. Versão manuscrita inédita de *Mundus Novus* de Vesúpcio. Veneza (1507).

Novo Stato. cercato & ritrovato i quella nova modo chia-
mato in italiano: p et apropi di maggiori
non minima di quelli estiva passata cognitione.
e darenti quelli et aldirano sopra novissime
cose: spero et questo e lo penione della non
antichi exude: cōciosia he di quelli. la maggior
parte dia oltre la linea equetiale et verso
il meglio giorno no esser contineto: ma il mare
polarite el quale Artattico hano chiamato: Et si
qualche uno di quelle contineto li essere hano affirmato
quella essere terra habitabile p molte ragione
hano negato. Ma questa sua opinione esser falsa
et alla verita ogni modo contraria: Questa mia
ultima navigatione he dichiarato: cōciosia che
l'quella parte meridionale et contineto se habia
ritrovato: de piu frequenti popoli e animali

Fig 19. — Ibidem.

63

habitata della nra Europa: ouero Asia: ouero Africa:
 & ancora l'aire piu temperato & ouero. et i ciuitadani
 altra regione & non cognoscuto come di loro intendete:
 Douo breuemente sciamete delle cose i capi scirano:
 & lo cose piu degne de annotatione & de memoria
 lequale da mi: ouero uiste: ouero odite: questo nouo
 modo serano: come di loro ui saranno manifesto.
 Cui felice navigatione a .19. di del mese di Maio
 1501. si partirono da Vllibona Comandante et piloto
 Ro. co. 3. nauie a cercare noui paesi uerso Ostro:
 et .20. mesi continuamente navigarono al mezo giorno:
 della qual navigatione l'ordine e cosi: La nauicatio
 nra fu gl' isole fortunate: cosi gia di so. Ma
 al presente sciamano isole delle grã Canarie: lequale
 sono nel terzo clima. & nelle cofini delabitate occidit.
 Dopo q lo sciano tutto il lito Affrico et parte Ethiopeo
 p'ncipalmente si al promontorio Ethiopeo cosi da ptolomeo
 dicto ilquale adesso dai nri si chiama Capo Verde

1501.
 .0.
 3. Anni
 20. mesi
 Tortuget
 Inse.
 Canarie
 Inse.
 Clima. III.
 Africa
 Ethiopeo
 parte
 Capo Verde

Fig. 20. — Ibidem.

Bessigier et deli abissipi Bessigier et quella Regio Montaga
 14 gradi. gradi. xiiii. detto la Torrida Zona dalla linea
 Equinoctiale verso el septentrione: Inqua' e dala
 negro gèto e popoli frochia: Rapigliato lo forte
 et le cost necessarie ala nra nauicacione salpastro
 breuere et fecemo vela dozzada il uingio nro e
 il largissimo Occesano verso il polo Antartico ano
 poco verso il poente pigliatimo il uero detto Voltorno:
 et daldi ilquale si partissimo dal dicto portorio:
 p' spatio di doi mesi et 3. di nauigatimo: auanti
 che uedessimo dala terra: i quella grada di mare
 ueramente ebe cosa habiamo sofferto: et pericoli di
 naufragij ne laseo cōfidore et costi atuti et p' espe-
 ritia hano conofuto piu cose et puo quella et
 acade a quelli et uoglio cercare le cost terre:
 e uero et i una parola nra le cost breuemente
 .67. giorni narrata sapia et de. 67. giorni diquali mi nauig-
 atimo continuo. 99. ne hauesimo to piana et troua.

Fig. 21. — Ibidem.

et baloni co tato obfcurita et no fole tto pirono
 ne la noce ferono nomi usatissimi e formado et inoi
 tto tato paura et gja ogni spera di vita hauerono.
 porta: Iniste usamente creadol poelle de mare et
 Cido: piacere a eterno die auati fino mastaro
 terra forma & noui paesi: & usaltro cognito
 modo: p lo qualcofo uiste tato se allegasimo com
 ciafcedano lo pus potare et hagero tal calamita
 et de poi aguto pira et lista fortuna: Et di usamente
 .1501. da 7. Agosto. 1501. melici di quelli paesi serogresione
 riguardo de a co solent suplicatione fu celebrato
 una Messa i Cato. In quella terra cognoscono
 no essere insula: ma Terra forma: p et di togissimi
 liti se distode no circondato alla: & i finiti
 abitatori era pima: ip et i quella asai parte
 Et popoli: & de ogni generatione di Aniondi sol-
 ustri: quali soli nri paesi si ritroouano et etia

Fig. 22. — Ibidem.

vidi molti altri diversi animali ne mai visti a noi
 di quali faria longa lista di tutto a scriuerli. Ma lo cost
 a noi per la clementia di dio non e apto quando arriviamo
 i queste regione: E per lo legno et aqua quando erano
 i mare cirano mancari timore et impeto piu de
 oravamo misericordia di nra ma gna di dio arrivamo
 a un porto. Consiglio fessimo di nauicare dritto
 queste rive continue verso Oriente et mai abdonare
 la riva la quale legamento perrossimo et puressimo
 altro angulo dove si uolta il lito amto di Et
 da quello loco doue prima la terra tocassimo i fino
 a questo angulo furono circa 300. legua i questo spazio
 di nauicare piu uolte discostassimo i terra: di nauic
 che nel mto e quella geta conuersissimo come di
 foto i l'edemete: me era difinito seruire che
 dal principio del capo Verde: i fino al principio
 di questo continente sono circa 700. legua. Abche lo
 quistimo mai haueu nauicato piu et 1200. parti per
 nra i lodi ap i parti a parte per le tresperte e Veni

0.
 100.
 200.
 300.
 400.
 500.
 600.
 700.
 800.
 900.
 1000.
 Africa
 C. Verde

Fig. 23. — Ibidem.

quindi i poliani il nro vero Capino: ma i diversi parti
 d'isportano: Ma se era fatto et lo haera cognito
 sfuggiti della Cosmographia et facendo animo ai Copiani: Niuno
 peria no Negiro era et a legua. 500. cognosce due
 oramai et q' p' esser abati Vapote et orando orone:
 Ma li Instrumenti salante la ^{Altitudo} de Corpi celesti
 apete laura a mostrano et q' quadrati & Astrolabe
 com' tutti da me cognoscono Diti, d'epi tutti grade
 mette mi honorano: Impe et li mostrai et finta
 cognosce della Carta del nuicere si potera co la
 mia discipline a nuicare piu perfectamete et tutti
 i nobili et potti del modo uniuerso. Impe et diti
 potti sono ignorati di tal scitia et no hanno ^{notitia} poatica ^{notitia}
 sono di quelli lochi et afai volte hanno nauicatos. D'ora
 unuamete il loro Angulo della terra et si dimosta il uolere
 del Capo et si volge il suo lito uerso meglio giorno:
 Se auulimo di nuicare d'otto circulo quello fust
 d'otto rego et cosi q' riuera di d'otto lito nauigatio
 600. leg. lig. 500. et afai volte d'otalefimo i terra & parluera.

Fig. 24. — Ibidem.

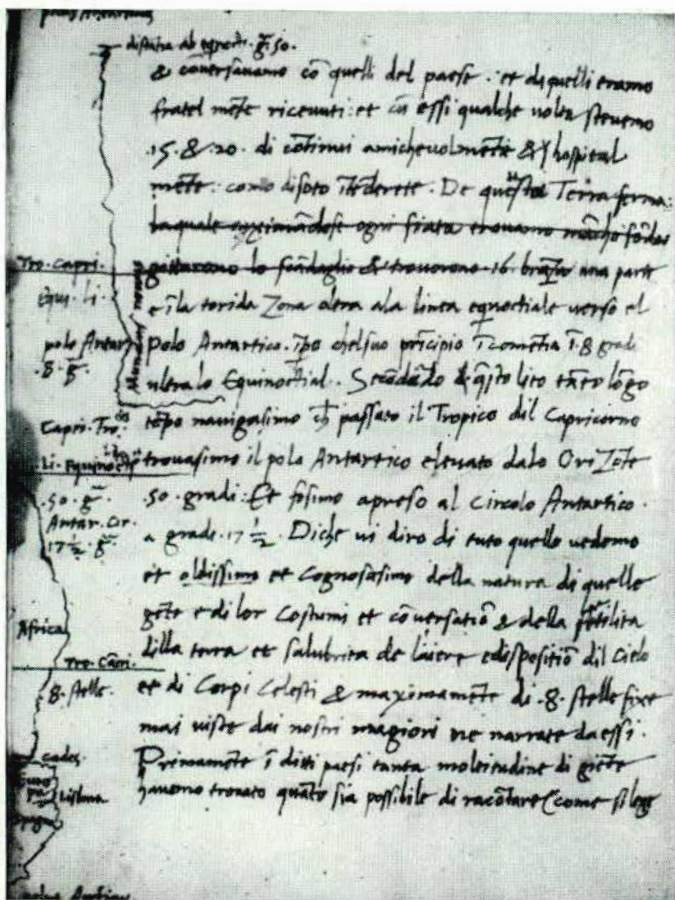


Fig. 25. — Ibidem.

7. Incauipipi: q̄to die ma iueta et tractabile: & taci
 Nudi: de luno et latero ip̄o uano mudi: niuna parte del corpo
 conuengono: si come dal uetro della madre sono usiti: cosi
 7. fina ad amore uano: ip̄o et hanc corpi p̄ndi quadrati
 corpi formati: ip̄o disposti & p̄portionati: & di colore destinati al refugio
 et la causa op̄ anda multital Sole fo seti: & hanc Capelli
 ampi & nepri: & nollandant & ne suo Tocchi sono agrili &
 detini: & di uano liberali: & uenista patria: Lagicalo
 loro medesimi la distrugono: ip̄o et si forato lo gallo
 & lo labro et marit et Orchi et no uoluto et
 quelli formi iuano p̄toli: ouero uno solamto moluano:
 Ipe et hanc asai: i quali hanc solamto i lapa 2. & serano
 deiquali cadamo caput con di uno susino: & serano
 questi forami 7. p̄tore Corale: marmore: crisolimo:
 & de abastro bellissimi: & cu ossi bianchissimi: et altre
 cose artificiosamente lauorato secodo il suo uso: la qual
 cosa se lauorosi tato i solita formate uano mudi: et tal
 homo de ha nelle gallo solamto & i le labro solamto
 7. p̄tore: dellequale asai sono di logotia di meglio p̄tore:
 ut iertia adoratione facia taci: et asai uale ho gli dicitur

Fig. 26. — Ibidem.

& predicato questo. 7. cal pietra esser peso di onze. 16.
 Orchio frate excepto che i cadauna orchia di 3. forami forati in uno
 altre pietre scritte i anelli: & questa costume si fa
 e di homini: iyo et le done no se forano la faza:
 ma le orchie scolorite. Vnaltro costume apreso di
 quelli asini enorme: & fora de omia humana cre-
 dulera: iyo et le mogliere loro effeto libidinose
 fanno ingrosare lionconi delle lor mariti i fessa grotta
 et deforme pareno & bruti: & qste co uno suo certo
 sacrificio & medicatione de certi animali venenosi:
 & p causa di questa cosa molti di loro lo perdono:
 et restano emaciati: no hanno panni di lana: no di lino
 no anco bobafini: p che ne di quelli hanno bisogno:
 no anco hanno beni pprij: ma tutte le cose sono comuni:
 vivono i firme fonda Re: i fza Imperio: & Caduena
 e signori p se: tante moiere mariano: quante uogliono:
 et li figli hanno a far co la madre: & el fratello co la sore-
 lla: el primo co la prima: et lo scotato cu quello
 che si scotra. ogni uolta et uogliono matrimonii desi-
 derano: & i queste Costumose serua Ordine. Oltre di q

ogni cosa
 e comuna

Fig. 27. — Ibidem.

Sicut fide no hanc nimio Tristes diuino: & miura logo legono.
 & lego no arco sono delatri: che dico lo pia oltra.
 Epicuro Vivero frando la natura: & Epicuro piu tosto dir
 lipossone et stiaii: No sono fraloro Mercatati no
 anche mercari di casti popoli rifa di loro Cobatono
 senza arri et senza ordine: Inchi cui certo sus pstantione
 pigliano i giouini a quello et loro uogliano: & alle
 briglie gli uedano: i loquale Condelmeto i sono si
 amano: et quelle liguali pigliano i la battaglia prisioni
 morano no pesser seruiti daloro non uini li coguano &
 pmo pti mangiati & giornata et mangiati et costi euicitori magis
 tutti et costi hano i cornu Cibo la Carne humana: Di
 questa cosa frateris certissimo: pti lo frato gia uisto
 et il padri ha mangiato li figlioli & le moire: & lo no
 ho cognosuto uno: alquale ho parlati: i loquale ha
 mangiato piu di 300. Corpi humani et costi ordinato
 mangiati et amato pti giorni. 27. i una certa Cita: doue
 lo uidi lo casti la Carne humana Salsa piata a troui:

Fig. 28. — Ibidem.

come a preso di noi & usava apicare il lardo et la
 carne salata de porci. Et dicono molto piu et loro
 semarungius: p ch noi no magiamo li inimici nri
 Carnes hnt & usiamo magiar i cete cociosia et dico esse pporitis.
 Papo rila
 Anco. Sante
 Le armo sue sono Loro et lo faeto: & quando se
 apriano ale bagghie no cooprano alcuna parte del
 corpo & distorlo: il et i q mi paro simile ale bestie.
 Noi quanto no poto possibile no stemo sforzari q suadorli
 & ronnauerli di questi omni castumi: dett cibano p
 onse lafere tal abominato: Ledono como un ho dicto
 boti uadino nude: & libidinosi sieno: Nette dimaco li
 corpi loro sono assai formosi et nete: no etia sono si
 brutto quato la brigata potria existimari: p ch abt et
 Carnose sieno) maio apur di quella la brutta a la qual
 uola p la maggior parte de la bona qualita dela Corporatione
 & cepta: una cosa miracolosa diparte: et i fra de qle
 minna hanoffi le tete cadute & quelle et lanuano
 partorito: p la forma dilatue & costruttura niste sono
 difortitate dele Vergine & uoli tute altre parte
 del corpo simile paruenno: loquale p onesta le puenio

Fig. 29. — Ibidem.

sea in li xpiari uolletori se huerian cagioni p'lar gra
 d'ubine se hueria potes. cōtermināto ogni pudicitia. si
 huerio isto. Vno an. 150. et raris uelut se uolano.
 Et quando per ^{l'Arabiano} Arabiano. ca uere radice et herbe se
 affamano. Cueste cose sono le piu notabile et a posto di
 Lora habia cognosco. Lo Airo lor asai t'pato e bono.
 e costi p' relatione da Colora cognosco lo puoi: mai lor
 possibila cura d'ora cognosco. la quale uergia da Loro
 Curto: e se p' uolere uerre no massimo uirano lunga
 meto. Credo p' lo sepre uirano inuēi auferido e uer
 nicante quello: el quale mi chiamano Euro: el quale
 tale e a quelli: quale anni e d'agione: se dilectio de p'furo
 e quel mare e molo apto a p'furo: p'furo copio de ogni
 generatione de p'furo. No sono Lacintori: p'furo e t' offerido
 li di molo generatione de Animalu Siluestri: e massime
 de Lionu: e Ursu e de innumabili Serpenti: et altri horri-
 bile ediforme Animalu: p' p'furo ora leseno seluo grandissime
 et Arboru de i mōja grandiosa. no hano ardore expo-
 narsi ardi periale offendo rudi sentia alcu opprimto
 Deo paesi et terra e molto fertile e amena. Abundante

Fig. 30. — Ibidem.

de molis Colli & monti & i finis Valle & di grandissimi
 frumi: & di saluberrimi fatis irrogna: & de largiffime
 felus & diti & apena penetrabile: & de ogni gene-
 rione di fiore copiosamente piena: li Alberi puzgano
 grandi frotta Culture: deltoquale n'ai fructi fino el
 gusto dilectuoli: & deli humani Corpi utili: affai
 uosamente: affa uosamente il còtano: Et niuno delli
 frumi ^{conueni} fructi li sono ali nri simili: Et genera li innumerabile
 generatione de herbe & de Radice: de loquale fanno
 pane & oppime uinali: & hano molte fenti a ogni
 modo a queste nre forte diffimile: Nisuna generatio
 di metallo li si troua eccet de Oro: delquale questi
 paesi se abodano: abet nient di quello cu mi fa
 biamo portato i questa prima nuncatione nra:
 et de Zo ne habent i formatio de i diti habitati: Iqueli
 ne afirmano la i fra terra esser grandissima abodana
 de diti Oro: & metit da loro essere copiffimato: ne
 ripuonano i alcu fite: Et habitati di Perle como altre
 molte uisiffimil: Soria cosa l'ega a uolter seriuare di babbato
 costo Comenore: & lo uolter generatio di Animalia & uolteritane

Fig. 31. — Ibidem.

di quelli. Et certo credo che Plinio nostro non
habia tocato la millesima parte delle generationi
delli papage: & dell'oro delli altri ucelli et
similitate animali: iquali i quelli medesimi
paesi sono con tanta diversita de forma et
de colori: et della perfetta pittura l'artifice
Appelle ridipinger quella saria mancato. Tutti
li Alberi li sono odoriferi: & cadauno de se-
gnor: ouer olio ouer qualche altro licore ma-
dato: deiquali si auui la propria note fossero
non dubito che alli humani corpi salute fari-
ano: et certamente si el paradiso Terrestre i
qualche parte della terra sia: non lontano da
quelli paesi esser distante existimano: deiquali
il sito come te ho ditto e al meo Terzo in-
canta temperie de aere che nelle inessmate
velide: ne state calide mai se hano.

Fig. 32. — Ibidem.

El ciclo et lairo e una gran parte de
bano sono sereni: & uacui de grossi vapori:
in qual loco le piöte menutamete caxeno
& durano p. 3. ouerp. 4. hore & afimilice -
dino di una Caligine se disfa: el ciclo
e ornato de bellissimoi segni et figure
inqual lo ho notato da cerca .xx.
stelle. de tanta chiareza de quato
habiamo uedute di Venere et Jove.
Inouimoti et circuitiane di quelle lo ho
considerato: et di quelle ho mesurato
la circunferentia et diametri co broue via
de geometria: et ho cognosuto quello essere
de maior gradetia. Vidi i quel ciclo .3.
Canopi dui Cortamete chiari: et laltro

Fig. 33. -- Ibidem.

oscuro. El polo Antartico no e figurato con
 l'orsa maior & minor. Come e ol nro Arico
 apart: ne appresso de quello se uede alcuna
 chiara stella: & de queste lequale attorno
 di quello se uede co breue circuito fanno
 menare tre sano: lequale hanno la figura
 de triangulo Orthogono: de lequale quella
 che e dimogio ha nove mesi gradi di Circu-
 ferentia: Et quando queste nascono da la
 sinistra: se uede uno canopo bianco de
 una giuria grandeza: lequale quando a
 mezo il cielo peruencono hanno questa figura

*	ss	Canopo
	ssss	
	ssssss	
	ssss	
*	*	

Fig. 34. — Ibidem.

Da po questo uongero altro due: de lo qual
 la meza ha della circosferentia et diametro xii.
 meze gradi: Et in qsto se uede un altro campo
 bianco: era questo significano altro vi. stelle
 bellissime & chiarissime: fra tutte le altre
 del Octaua spera: Lequale: la sup^{re} parte
 del firmamento la meza ha de la circos-
 ferentia et diametro gradi xxxii. et co
 questo un uero campo negro de una
 gran magnitudine: et si se uedeno: la
 uia lactea: et tale figura hano: quando
 sono: la linea meridionale.

* * * * * Canopo
 S
 SSS
 SSSSS
 SSSS *

Fig. 35. — Ibidem.

Molte altre stelle bellissime ho cognosuto: de la
quale inuoinenti diligentemente ho notato: &
benissimo i uno certo mio libretto signifiante
T questa mia nauigatione ho descritto: el quale
al presente è in seruenza. Re el quale spero
che sia ristampato. In quello emispferio ho
visto coste a le rasoni dei philosophi no cōfessate:
Insi biancha circa alla mezza notte de uolte no
si amete da mi esta uista: mandaron i
marinari: similmente affissuete la Luna
nona haueuo uisto i quel giorno i el quale
col sole se congiuocano: ogni notte i quelle
parti del ciclo discorrono affississimi
uapori et fauo ardeto: ti dissi un pocho
auanti: In quello hemispferio el quale prima
motto parlarole no e apino hemispferio de

Fig 36. — Ibidem.

rispetto del nostro: & che intermediano se
costa a quella tal forma: cosimo ha parlo chiamar.
Adoncha Como lo te ho chio de Olofippo:
dove: mi se partissimo: et dala linea
equinoctial $\frac{1}{2}$ gradi e dista $\frac{1}{2}$ gradi. 39 $\frac{1}{2}$
& navigasimo oltra la linea Equinoctial
 $\frac{1}{2}$ 50 gradi: Tqueli: sieme ligati fano quasi
gradi. 90. la qual summa e la quarta parte
della revolutio del Circolo: secondo la vera
raza del misurare dala nos Antiqui a
omi data: manifesta cosa e adonque
mi haver navigato la quarta parte
del molo, & per questa rason mi iguali
habiamo Lousippo circa alla linea Equi-
noctial gradi. 39. e moze i la latitudine
Septentrional: fano aquelli: questi gradi. 50.

Fig. 37. — Ibidem.

habians adora quella medesima linea
 & la meridiale longitza angulari note
 gradi. v. i la linea i la linea trasuersale. &
 axis et pte chiamato i fedi: la perpendicular
 linea: la quale diametro et miu s'omo
 recti dallo emineto ponto et del ciclo al
 vertice nro depe de i et Capo nro. et gli
 depe de i lato et illo Coste p la qual
 cosa se fa et miu siamo i la linea recta:
 ma offi i la linea trasuersale. & la forma
 se fa de uno triangolo Orthogonis:
 de la quale linea miu siamo la perpendicular
 co la gulo recto: Et quelli latera
 linea et obase co iuta adito angulo et
 la hipotenusa alla nra et alla loro

Fig. 38. — Ibidem.

Si dispone così le cime delle disse
 due linee come p[er] la figura qui sotto
 scripta appare: & questo caso della
 Cosmographia dicit[ur] p[er] h[oc]a forma dicit[ur]
 a spheristica

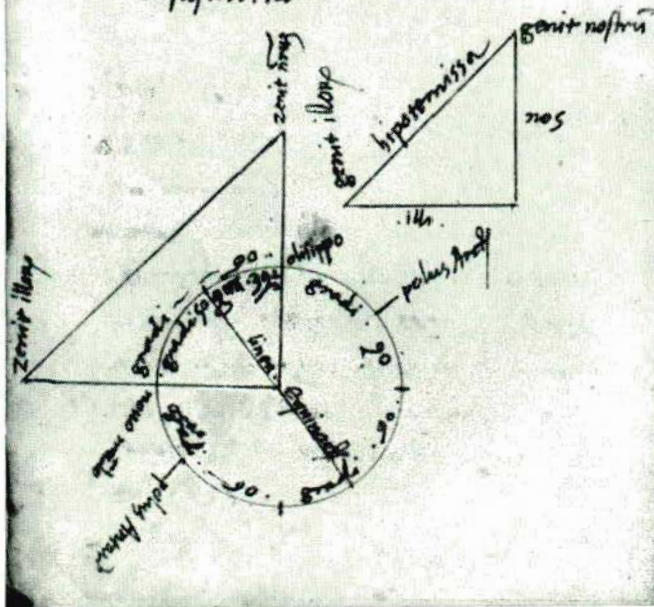


Fig. 39. — Ibidem.

Questo fa le cose notande: loquale io ho visto
in questa ultima mia navigatione: laquale ddi
1111. io chiamo: ipho et li altri dui di foreno altre
de navigatione: loquale p comastamato del
Sereniss. Re de Spagna lo fece verso l'occidente.
Intiquale io ho anotado miraculosa cosa: de q^l
sublimo creatore del tuto dio nro l'apertione
de tutte le cose notabile uno Zornale io ho facto:
accio et si qualche uolta nra de d'esse tempo: possiffi
tutte queste cose a una a una mirabilmente ra-
cogliere: e ouer de geographia: o uer de geographia
un libro exponere: accio et i posterori de me se
ricordassino & de longitate dio ~~et~~ mi plega un
tuto i meo artificio scognosca i parte di nro
antig. i cognito: ma de nui cognito. pge adq^l
el chometissimo iida et mi plega idi de la uita:
ma et in la sua bona gratia & co salute

Fig. 40. — Ibidem.

de l'anima de questa mia uolera la optima
dispositione poter possa. li altri due di i neli
mai situaruy melisferuo. & restituerendomi
anui qsto Serenissimo Re el di .iiii. alapatria
de alagestia ritornare. messerocco. douo
et co li periti costore. & dali amici co-
fortato et aiutato questa opa compirt jo
potro. jo ti domanda pdomaza se questa
mia ultima nauigatio ouero ultimo di
mo te ho mandato: come pte mit ultimo
lettere te hauea promesso: la causa crada
che tu tedi: qn de qsto Serenissimo Re
ne anche libri haure jo possuro. jo pte
ancora di parte Zouari. iiii. & tractato che
jo hauro qsto: Za dr. ii. nauis cu li sai arma-
menti la pmissione anui e fata a Zo et al
creato de noue regione uerso mozo di

Fig. 41. — Ibidem.

d'alabada de l'ouate so me aparechia per
uente il quale Africo se chiama: reliquie
di molte cose so penso di fare i laude di
dio et utilita di questo regno: et honore dela
uechieza mia: et Za mitta deo so execto:
si no di questo Serenissimo Re l'alcantaria: dio
proua quello sia y il meo: tu di quello si
fara intendere.

De Spagna i lingua Romana et l'altro
interprete questa epistola ha uera traducta
aio et i latini itidano quate mirabile cose
ala Zornata se ritrouano: et de quel li se
chafano laudatia: i quali el cielo et la
terra retrouare et sapere piu che no
e licito de sapere uolto: an da tanto tempo
che el mondo e scomezato no sia retrouara
la grande della terra et que et i qlla se contiene.

ou escólios acrescentados por Montalboddo para facilitar a leitura, haveria identidade quase completa. Não tomou liberdades com o texto.

Teve anos para apreciar a ressonância da fama de Vespúcio, sem contar o quanto pôde saber por intermédio de Trevisano e Giocundo. Nessa época, gozava o florentino de um prestígio superior ao dos seus predecessores e contemporâneos. Eis um fato que evidencia isso. Cadamosto é o primeiro navegante citado no *Paesi* e são dedicados a êle os 47 primeiros capítulos, com um total de 80 páginas. Em seguida, nos capítulos numerados de 48 a 61, são citados Cintra, Vasco da Gama e Cabral, com um total de 32 páginas. O final de Cabral estende-se do capítulo 61 ao 84, ocupando 28 páginas. Os capítulos numerados de 84 a 113, num total de 46 páginas, são dedicados a Colombo, Niño e aos Pinzons. Correspondem a Vespúcio os capítulos numerados de 114 a 124, ocupando apenas 14 páginas. O livro termina com uma miscelânea de cartas que ocupa 19 capítulos, do 125 ao 143, num total de 36 páginas. Ao todo temos 236 páginas com apenas 14 dedicadas a Vespúcio. No entanto, prescindindo de todos os outros navegantes, Montalboddo menciona apenas Vespúcio na capa: *Paesi novamenŕe ritrovati et novo mondo de Alberico Vespúcio fiorentino intitulado*. Esse fato revela a existência de um sólido prestígio. A mesma extraordinária difusão dessa obra em vários idiomas teria facilitado a descoberta de qualquer falsificação. Esse *Paesi* em italiano acentuou o interesse do público pelas navegações oceânicas pois 6 edições exgotaram-se em poucos anos. A primeira foi editada em Vicenza, por Monsenhor Vicentino, em 1507. Jacob Scinzenzeler, em Milão, em 1508, 1512 e 1519, publicou 4 edições. Zorzi de Rusconi publicou outra em Veneza, em 1521 (40).

Não faltaria alguém que se preocupasse em verter esta importante coleção para a língua erudita. Em 1508, Padre Archangelo Madrignano traduziu-a para o latim e editou-a em Milão sob o título de *Itinerarium Ponŕugallencium e Lusitania in India & Inde in Occidentem & demum ad aquilonem*. Na realidade esse título não corresponde ao conteúdo total do livro, porque, se é verdade que êle contém narrações de viagens portuguesas, também noticia outras, realizadas por Colombo, Pinzon e Niño, sob os auspícios de Castela. Talvez esse título dedicado a Portugal tenha sido consequência de uma ainda oficial concedida aos editôres. A tradução, que alguns bibliógrafos acreditam ser de origem portuguesa, foi bem recebida, tanto que o seu autor, no mesmo ano, lançou outra edição em Paris (41).

(40). — Confirma-se HARRISSE, RUGE, SABIN, VIGNAUD, *op. cit.*

(41). — HARRISSE acredita que foi traduzido de um original português.

Os alemães tiveram em Jobsten Ruchamer, que traduziu para o alemão a versão do *Paesi* sob o título *Newe unbekante lande*. etc., e em George Stucke que, em 1508, editou em Nuremberg. Humboldt encontrou muitos erros e enganos, entre os quais o seguinte que tem certo humor: a carta dirigida a *Lorenzo Pietri Medici em Florença* é traduzida por Ruchamer *Lorenzo Pietri artzte zu Florenzia: Médico em Florença*. Essa tradução teve uma segunda edição em dialeto da Baixa Saxônia, sob o título *Nye unberkande lande* (42). O adaptador foi Henning Ghetel.

Em Paris, onde 4 edições latinas de *Mundus Novus* já haviam circulado, a coleção Montalboddo despertou um grande interesse. E, por causa dessa carta ou pelo interesse geral provocado pelas viagens ultramarinas, em poucos anos apareceram 6 edições francesas. Infelizmente, a tradução de Mathurin de Redouer é má. Omite frases, traduz interpretando tão erroneamente os conceitos que, às vezes, chega a contradições lamentáveis. Além disso, suprimiu os três gráficos.

A primeira edição parece datar de 1510 e ser da autoria da Viúva Trepperel. Era vendida na *rue Neusve notre dame a l'enseigne de l'escu de France*. O editor não está indicado, mas o bibliógrafo Silvestre descobriu que Trepperel, livreiro falecido em 1508, era o dono da casa dêsse nome e que a sua viúva editou a obra de 1510 e 1515 (43). Ambas as edições são do mesmo formato e contém o mesmo número de páginas. A terceira edição, também de 1515 é de Jehan Janot, com quem a viúva se casou em segundas núpcias. Gaillet du Pré lançou outra edição em 1516. Não é um in 4to. como as três anteriores, mas um in 8vo. Denomina-se: *Le Nouveau Monde*. . . , em vez de *S'ensuyt le nouveau monde*. . . A quinta edição data de 1521 e é da responsabilidade de Philippe le Noir. A sexta data de 1528 e é de Denis Janot. Ambas são do formato in 4to. e levam o mesmo título das três primeiras.

Damos, em forma de quadro, a lista das impressões e traduções do *Paesi*. Publicados em diversos países, acrescentam mais 16 unidades às 25 anteriores edições de *Mundus Novus*.

*

* * *

(42). — Confira-se Humboldt Ruge, HARRISSE, SABIN, *op. cit.*

(43). — Confira-se Brunet, Silvestre, Renouard, HARRISSE, RUGE, SABIN, *op. cit.*

COLEÇÃO ITALIANA DE RELATOS DE VIAGENS
E DESCOBRIMENTOS.

Recompilada por Francazano de Montalboddo.
(O quinto relato é a *Mundus Novus* de Américo Vespúcio).

Edições italianas.

Texto de Montalboddo.

1a. ed. Vicenza	1507	Vicentino	<i>Paesi novamente ritrovati</i>	240 p. 4to.
2a. " Milão	1508	Scinzenzeler	" " "	166 p. "
3a. " "	1512	"	" " "	150 p. "
4a. " "	1517	Zorzi de Rusconi	" " "	248 p. 8vo.
5a. " "	1519	Scinzenzeler	" " "	158 p. 4to.
6a. " Veneza	1521	Zorzi de Rusconi	" " "	248 p. "

Tradução latina.

Texto de Pedro Archangelo Madrignano.

1a. ed. Milão	1508	A. Madrignano	<i>Itinerario Portugallensium</i>	176 p. Fol.
2a. " Paris	1508	" "	" "	176 p. "

Tradução alemã.

Texto de Jobsten Ruchamer.

1a. ed. Nuremberg	1508	George Stuchs	<i>Neue unbekante landte etc.</i>	136 p. Fol.
2a. " "	1508	Henning Ghétel	<i>Nye unbekende lande</i>	136 p. "

Tradução francesa.

Texto de Mathurin de Redouer.

1a. ed. Paris	1510	Viúva Trepperel?	<i>S'ensuyt le Noveau Monde</i>	176 p. 4to.
2a. " "	1515	" "	" " " "	176 p. "
3a. " "	1515	Jehan Janot	" " " "	174 p. "
4a. " "	1516	Galliot du Pré	<i>Le Nouveau Monde</i>	264 p. 8vo.
5a. " "	1521	Phillippel de Noir	<i>S'ensuyt le Noveau Monde</i>	176 p. 4to.
6a. " "	1528	Denis Janot	" " " "	176 p. "

A *Mundus Novus* de Vespúcio, publicada isoladamente ou em coleções, circulou, pois, pela Itália, Alemanha, França e Holanda, projetando luz sobre a existência de um quarto continente, sobre a rota seguida para alcançá-lo, sobre os povos que ali viviam, sobre a habitabilidade dessas terras situadas nos antípodas e sobre as constelações de inigualável brilho do céu boreal. Carlos Pereyra escrevia, com razão, que

“esta viagem de Vespúcio às regiões do atlântico austral, depois da primeira de Colombo, que começa a empalidecer e a esfumar-se, é a sacudidela intelectual mais profunda de que guarda memória a história do Renascimento”.

A emoção dos homens cultos entre as verdades que o florentino descobriu, é refletida por essas 41 edições da *Mundus Novus*. A adesão tão entusiasta e decidida equívale, claramente, a uma declaração de fé nessas extraordinárias primícias e no homem que, com elas abria para si próprio um lugar entre as glórias do seu tempo.

ROBERTO LEVILLIER